JULIO DINIZ

POESIAS

SEGUNDA EDIÇÃO

ACRESCENTADA COM UMA POESIA INEDITA

PORTO

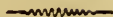
EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO

EDITOR

Rua dos Caldeireiros, 18 e 20

1880

POESIAS

JULIO DINIZ

POESIAS

SEGUNDA EDIÇÃO
ACRESCENTADA COM UMA POESIA INEDITA

PORTO
EM CASA DE A. R. DA CRUZ COUTINHO, EDITOR
18—Rua dos Caldeireiros—20
1880

... quelle singulière et triste impression
Produit un manuscrit! Tout à l'heure, à ma table,
Tout ce que j'écrivais me semblait admirable.
Maintenant, je ne sais—je n'ose y regarder.
Au moment du travail, chaque nerf, chaque fibre
Tressaille comme un luth que l'on vient d'accorder,
On n'écrit pas un mot que tout l'être ne vibre.
(Soit dit sans vanité, c'est ce que l'on ressent)
On ne travaille pas—on écoute—ou attend.
C'est comme un inconnu qui vous parle à voix basse.
On reste quelque fois une nuit sur la place,
Sans faire un mouvement et sans se retourner.
On est comme un enfant dans ses habits de fête,
Qui craint de se salir et de se profaner.
Et puis, et puis—enfin!—On a mal à la tête.
Quel étrange réveil! Comme on se sent boiteux!
Comme on voit que Vulcain vient de tomber des cieux.

(Alfred de Musset—*Premières poésies*).

PRIMEIRA PARTE

A MEU IRMÃO

(JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO)

Tambem tu, meu irmão, inda aos vinte annos,
Dizes ao mundo teu extremo adeus!
Deixas-me só e partes! os arcanos
Vaes da vida sondar aos pés de Deus?

Inda ha bem pouco aspirações ridentes,
Despertadas ao sol da juventude,
Te apontavam futuros resplendentes
De mil glorias, de amor e de ventura.

Ha pouco, em devaneios tão risonhos,
Cantavas em sentida poesia
As meigas illusões, dourados sonhos,
Que te adejavam sempre á phantasia.

Ha pouco tu julgavas do horizonte
Ver d'um bello porvir sorrir-te a aurora,
Bem como a aurea luz c'roando o monte,
Do sol precede a chamma animadora.

Tudo isso era illusão, simples chimera,
Que aos vinte annos sonhamos acordados;
Curta pagina a sorte te escrevera
No grande livro incognito dos fados!

E emquanto descuidado te entregavas
Aos sonhos da exaltada phantasia,
Sob a florea vereda que trilhavas
A morte, a fria morte, se escondia!

Tu viste uma por uma emmurchecerem
As mais viçosas flores da tua vida;
E as esperanças seu verdor perderem
Com a aridez da existencia desflorida.

E a vida te pareceu aspero deserto,
Assim desguarnecida de illusões,
De laços materiaes cêdo liberto
Remontaste ás celestes regiões.

Não te lamento, irmão; a tua sorte
Ao que padece, inveja só produz;
Porque ás trevas finaes da hora da morte
Seguem-se annos sem fim de immensa luz.

Eras justo, no céo gosas a palma,
Que ao mundo, aqui debalde pedirias,
E os anjos acolheram a tua alma
N'um côro de suaves harmonias.

Mas eu, que te amei, p'ra quem tu eras
Mais que irmão, mais que pae, mais que amigo,
Eu, a quem desde infante offereceras,
P'ra supprir o de mãe, fraterno abrigo,

Mais infeliz fui eu; junto a meu lado
Vago está o logar que abandonaste.
Vivo só, com as saudades do passado,
Do tempo que de encantos povoaste.

N'esta acerba aridez do meu presente
Recordo-me da vida que passou,
E bem vejo que a sorte fatalmente
Na via do infortunio me lançou.

Como a do nauta desditosa sorte,
Que o mar arrosta em tormentosa viagem,
E viu nas ondas que enfurece a morte
Succumbir todo o resto da equipagem;

Tal o destino meu; entrei no mundo
E saudei-o com hymnos de alegria;
Nos extasis d'um jubilo profundo,
O dom da vida a Deus agradecia.

Em ambiente de amor desabrocharam
Na infancia as flores da existencia minha.
Amor de pae, de mãe, de irmãos, douraram
A amena senda, que ante mim eu tinha.

E depois... ai, irmão! que acerbas dores
Juntos soffremos! Murchas, resequidas,
Desfolharam-se as mais viçosas flores,
Ceifou a dura morte aquellas vidas.

O bello céo, que nos sorriu na infancia,
Em breve se mostrou turbado e triste;
A terna mãe pedira a outra estancia
A paz, que n'este mundo não existe.

E ai d'aquelle, que no alvor da vida
Perdeu p'ra sempre maternaes afagos,
Ai, que bem cêdo a vê ser consumida
Por mil anhelos, mil desejos vagos.

Ai, bem cêdo o sentimos! Separados
Do sol que a infancia em luz nos envolvia,
Quaes estioladas plantas, assombrados,
A fronte inda infantil, já nos pendia.

E assim viveste! e quando a idade ardente
De mil aspirações te enchia o peito,
Olhaste, e vendo a isolação sómente,
Cansado, te deitaste em frio leito.

E eu, em vão no ataúde me curvava,
Em vão hei procurado a tua campa:
A morte de mysterios te fallava,
Mas nos labios do morto o dedo estampa.

Em vão te perguntei: N'essa morada
Outros fulgidos sonhos imaginas?
Ao saír da vida deparaste o nada?
Ou acordaste em regiões divinas?

Mudo ficaste. Os ventos perpassaram,
Soltando queixas no volver das folhas;
E teus labios immoveis não fallaram,
Nem sequer o irmão saudoso olhas.

Meu Deus! permitte que através da lousa
Possa elle ouvir a minha voz ainda,
E d'esse leito, onde a final repousa,
Me diga: A vida n'este pó não finda;

Me diga: A crença que na leda infancia
Aprendemos da mãe é verdadeira;
Ha outra vida, ha uma outra estancia,
Tão feliz, quanto esta é passageira;

Que se encontram os entes mais queridos,
E em eterno amplexo a Deus se humilham;
Que os prazeres em sonhos concebidos
Só ha no espaço aonde estrellas brilham.

E então, ó Senhor, com a fé mais pura
Eu anciarei pelo supremo instante
Em que, livre da humana desventura,
Demandar tua estancia radiante.

Deixa que o amigo ao amigo só revele
Os segredos que a morte lhe confia,
Esta incerteza... em vão a fé repelle,
A duvida cruel continuo a cria.

Por que negas, Senhor, ao peregrino
Que vae cumprindo só esta romagem,
Um raio ao menos do saber divino,
Que lhe brade na duvida: Coragem!?

Por que não ha de a lousa funeraria
Erguer-se á voz saudosa da amizade,
Para fallar á alma solitaria
Que anhela por saber toda a verdade?

Por que?... Mas, Deus, perdoa! eu creio! eu creio!
No seu leito de morte o conheci:
Sim, n'esse instante de tormentos cheio,
No peito a voz da crença bem ouvi!

E por isso prostrei-me de joelhos,
E os labios murmuraram a oração,
E cri então no Deus dos Evangelhos,
E a duvida deixou-me o coração.

Repousa, irmão, á sombra do cypreste;
Não repousar na terra é desventura.
Dorme no mundo e acorda á luz celeste,
Cruzando o limiar da sepultura.

Dezembro de 1859.

A MORTE DO POETA

(Á MEMORIA DE A. A. SOARES DE PASSOS)

Calou-se a lyra! Da creação nos córos
De menos uma voz aos céos revoa!
Na immensa harpa, em que o universo entoa
Seus canticos, de menos uma corda!
Que foi? que nota falta ás harmonias?
Que foi? que mão deixou quebrar a lyra?
O poeta morreu, o canto expira,
Cessam seus hymnos do sepulchro á borda!

Morreu o teu cantor, ó firmamento!
Teu sacerdote ardente, ó poesia!
Ó Deus, ó patria, a ultima agonia
Gelou a voz que hosannas vos sagrára!
Crente inspirado, os brados do enthusiasmo
Não lhe esfriou dos homens a indifferença,
E a venenosa taça da descrença
Dos generosos labios arrojára!

O poeta morreu! E o sol e os astros
Que elle cantou, e a abobada celeste
De lutuosas trevas se não veste;
E tu, ó patria, que elle amava tanto,
Tu dormes inda esse gelado somno?!
Não te acorda o seu ultimo gemido?
Sente-lhe a morte, se não has sentido
De animação e gloria o eterno canto.

Mas não; os homens vêem passar o féretro,
Vêem do sepulchro alevantar-se a lousa,
E, olhando a nobre fronte que repousa,
— Quem é? perguntam com cruel frieza.
— É um poeta, lhes respondem poucos.
Um poeta! palavra incomprehensivel!
Por elle a multidão passa insensivel,
E a campa desampara com presteza.

E um poeta morreu! Estas palavras
Nada vos dizem, povos, que as ouvistes?
Não as ha mais solemnes nem mais tristes,
Oh! n'ellas reflecti um só momento!
Não sabeis o que diz a morte do homem
Que se encaminha á campa que lhe ergueram
Seguido apenas dos que inda veneram
O culto da poesia e pensamento?

Não ouvis esse dobre, que o lamenta?
É como a voz do seculo, que brada:
—«Chorae, ó multidões, que na cruzada
«Da civilisação vos alistastes,
«Chorae, um dos soldados ha caído,
«Deus lhe dera a bandeira que vos guia,
«O estandarte da idéa, a poesia;
«Mas vós na heroica empreza o abandonastes!

«Lamenta, ó liberdade, o teu apostolo!
«Amor, o coração que te entendia!
«Tu, patria, o filho que melhor podia
«Entre as nações da terra engrandecer-te!
«Religião, ai! chora o sacerdote,
«Que, entoando no templo os sacros hymnos,
«Chamára os povos aos altares divinos
«E cultos sem iguaes podéra erguer-te!»—

E tu, ó mundo, o vês quasi indifferente!
Curva a cabeça ante essa campa aberta,
Ajoelha-te, e a fronte descoberta,
Venera as cinzas, que deixou na terra;
Os restos são da mais violenta chamma,
Que o fogo do céo no mundo ateia;
A chamma ardente de inspirada idéa,
Fogo que a mente do poeta encerra!

Verte, oh! verte uma lagrima na tumba;
Uma lagrima só. Outros desejam
Soberbos mausoléus onde se vejam
Fulgir os nomes seus em letras d'ouro;
Elle não. Flores e lagrimas, eis tudo!
Eis o diadema a que o poeta aspira;
Por que lh'o negas? Que paixão te inspira?
D'ellas fizeste, ó mundo, o teu thesouro?

Ai, não; umas e outras as desprezas:
As flores procuraram as campinas,
Porque a turba, ao passar, calca as boninas,
E o sôpro das cidades as murchava.
As lagrimas, as flores do sentimento,
Não as diviso já nos olhos do homem,
Ou das paixões as lavas as consomem,
Ou morto é o sentimento que as gerava.

Fazes bem em passar, mundo, se ignoras
D'esta scena a solemne magestade,
Impassivel ficar era impiedade.
Parte, vae; a indifferença era um insulto.
Oh! mil vezes mais grato o isolamento...
Mas não, o isolamento não existe;
Junto da campa se reune triste
Longo cortejo de lutuoso vulto.

Eil-os; do vasto templo se avizinham,
Trazem no rosto a dor, que os consome.
Esses veneram do poeta o nome,
Do féretro ao passar, curvam a fronte.
Respeitae esse pranto, que é sentido;
Longe, indifferentes, que o logar é santo!
Os que entenderam seu sublime canto,
Saudam-o ao sumir-se no horizonte!

Silencio! A patria de seu somno acorda!
Somno talvez, que precursor da morte,
Do filho só lamenta a triste sorte,
Geme saudosa com magoado accento!
Ai, nos seus dias de passada gloria,
De mãe o desespêro a voz lhe erguera,
E, em seu clamor, ás praias estendera
Das nações mais longinquas o alto alento.

Mas hoje, já de forças exhaurida,
É fraca a sua voz ante essa tumba;
Do peito vem, porém já não retumba
Nos eccos das nações mais poderosas.
Apenas sua irmã, a mais vizinha,
Que quasi a mesma linguagem falla,
Compassiva parece lamental-a,
Ouvindo suas queixas dolorosas.

Poeta, dorme pois; a tua campa
Não ficará sem lagrimas nem flores,
As lyras soltam funebres clamores
E os ventos reproduzem suas queixas.
Dorme, dorme, poeta, que teu somno
A turba inquietaria com seus passos;
Mas qual o infante nos maternos braços,
Dorme ao som d'essas languidas endeixas.

Dorme, dorme em socego... mas, silencio!
Para que solto a voz? Cala-te, ó lyra!
Se o genio da poesia não te inspira,
Para que o seu cultor lamentas triste?
Diante da mudez d'este sepulchro
Teus ais de dor, ó coração, suspende;
Vê em silencio o sol, que ao occaso pende
Como em silencio no zenith o viste.

Março de 1860.

UMA RECORDAÇÃO

Lembra-me ver-te inda infante,
Quando nos campos corrias
Em folguedos palpitante;
Eras bella! e então sorrias.

Depois, na infancia eras inda,
Junto ao cadaver rezavas
De tua mãe, com dor infinda;
Eras bella! e então choravas.

N'um baile vi-te valsando
Da juventude nos dias,
Todos de amor fascinando,
Eras bella! e então sorrias.

Dias depois encontrei-te;
Nos céos os olhos fitavas;
Sem me vêres contemplei-te,
Eras bella! e então choravas.

Quando ao templo caminhando
Entre flores e alegrias,
De esposa a vida encetando,
Eras bella! e então sorrias.

Quando na campa do esposo
Com teu filho ajoelhavas,
Grupo innocente e saudoso!
Eras bella! e então choravas.

N'um ataúde deitada
Eu te vi em breves dias,
Mimosa flor desfolhada!
Eras bella! e então sorrias.

Sorrindo, na vida entraste,
Sorrindo, deixaste a vida;
Alguma flor que encontraste
A espinhos a viste unida.

Sim, ás vezes tu sorrias,
E os sorrisos o que são?
Quasi sempre prophecias
Das penas do coração.

1857.

ÉS BELLA

És bella, sim, quando, córando, foges
D'um beijo perseguida;
Ou quando cedes com mais pejo ainda,
Mas na lucta vencida.

És bella, sim, quando, banhada em lagrimas,
Soltas mimosas queixas;
Ou quando, commovida dos meus prantos,
Já ameigar te deixas.

És bella, sim, á luz do sol nascente,
Regando tuas flores,
Ou com os olhos no occaso e o pensamento
No paiz dos amores.

És bella sempre, e o mesmo fogo accendes
No coração do poeta;
És bella sempre, ó linda flor do prado,
Ó mimosa violeta.

Março de 1862.

* *

Quem te disse o segredo d'estas lagrimas,
P'ra assim me consolares?
Quem te disse que a dor que me angustiava
Cedia aos teus olhares?

Criança, onde aprendeste essa sciencia,
Ignorada de tantos?
Algum anjo do céo é quem te inspira
Do conforto os encantos?

Oh! vem, vem junto a mim com teus sorrisos
Livrar-me d'estas trevas,
Rir-te do meu ar lugubre, fallar-me,
Vem, que só tu me enlevas.

Protegido por ti em circulo magico,
Desafio a tristeza,
Que onde a infancia se mostra tudo folga,
Homens e natureza;

P'ra ti, p'ra tua idade descuidosa
Semeou Deus as flores,
Deu-te o cantar das aves por cortejo,
Deu-te o céo por amores.

Vem, pois, os teus cabellos d'ouro puro
A pousar-me na fronte,
Como os raios do sol cingindo as serras
Ao surgir no horizonte.

Vem, que junto de ti nem comprehendo
Estes falsos tormentos;
Mensageira celeste, sê bem vinda!
Longe meus pensamentos!

Quando, baixando a fronte, os olhos pousam
Em sorrisos de infantes,
Esquece-se o infortunio, os risos voltam
E erguemo-nos radiantes.

Assim como nos rimos de teus jogos,
Tu ris das nossas penas;
Ambos somos crianças, variando
Nosso brinquedo apenas.

Tu creaste uma vida imaginaria
Que cede á phantasia.
Nós co'a vida real tambem brincamos,
Porém sem alegria.

3 de junho de 1862.

SAUDADE E ESPERANÇA

Ai, não foi sonho, não. Era na infancia,
Duas visões queridas
Ao lado do meu berço me sorriam
De uma amorosa aureola cingidas;

Eu sorria tambem. Vendo-as tão bellas,
Por anjos as tomava,
E acordando d'um somno de innocencia,
Inda a mais gratos sonhos me entregava.

E repetindo as orações ferventes,
Que á voz da mãe ouvia,
Olhava-as, e julgava que era a ellas
Que tão sentidas preces dirigia.

Quando as via, tão jovens e já tristes,
Olhar a mãe chorando,
Eu scismava, e o infortunio presentia,
Vago ainda, os meus dias ameaçando.

E o infortunio chegou. Era uma noite,
E eu ainda infante
Despertei aos gemidos dolorosos
Das orphãs junto á mãe agonisante!

Transportaram-me ao leito aonde a triste
Luctára na agonia.
Era tarde! A primeira vez na vida,
Ao beijal-a, suas bençãos não colhia!

E as lagrimas, tão fluentes na infancia,
Meus olhos não banhavam!
Então senti que os dias de ventura!
Com ella para sempre me deixavam.

Depois os mesmos anjos, que na infancia
No berço me sorriam,
Em vez das vestes candidas d'outr'ora,
Agora negras tunicas cingiam.

Nunca mais como a flor na primavera
Eu as vi radiantes;
Mas sim como no outomno ella se ostenta,
Pendendo as alvas petalas fragrantes.

Pobres flores! tão cêdo sem abrigo
Dia a dia enlanguecem
Como as que adornam virginaes capellas,
E ao fim d'um baile pelo chão fenecem.

Como candidas pombas surprendidas
Por furiosa tormenta,
Voam amedrontadas a acolher-se
Junto á mãe que no seio as acalenta;

Assim ellas tambem amedrontadas
Das tormentas da vida
Voam p'r'o céo, e no materno seio
Procuram contra ellas fiel guarida.

Um dia eu vi-me só! junto ao meu berço
Os anjos não sorriam,
Nem sequer suas lagrimas saudosas
Uma a uma nas faces me caíam.

Passaram tempos, e da infancia aos dias
Seguiu-se uma outra idade;
Mas nem o tempo, nem paixões mais vivas
Me extinguiram a imagem da saudade.

Ainda as vejo a ambas, quando ás vezes
Em sonhadas delicias,
Recordo o tempo da passada infancia,
Recordo seu amor, suas caricias.

Outras vezes, mais vago o pensamento,
N'um só anjo as confunde;
E então adoro essa visão querida,
Que n'alma ignotas sensações me infunde.

Se a imagem d'ellas é como o crepusculo
D'um dia já passado,
A nova imagem será ainda aurora
D'um dia, ardentemente desejado?

Meu Deus! a flor dos campos tambem murcha,
Vive um momento apenas;
Mas depois nova quadra veste os prados
De outro manto de rosas e açucenas.

Tambem as flores de infantil idade
Eu vi caír sem vida:
Deixa que a nova quadra dos vinte annos
Se adorne de uma tunica florida.

VISÃO

. . . .

Não és real. Para o seres
Não foras, ó flor, tão bella;
Se á mente Deus te revela,
Não te cria o mundo, não.
Vegetas no peito do homem,
Mas não ha viçoso prado
Onde te beije embriagado
O sôpro da viração.

MOMENTO DECISIVO

O sol descia ao poente,
E florente estava o prado;
Ouviam-se auras suaves
E das aves o trinado.

Tu sentada ao pé da fonte
O horizonte contemplavas;
Vias o sol declinando
E, córando, suspiravas.

E depois... seria acaso?
Do occaso a vista ergueste,
E ao olhar-me mais córaste,
Suspiraste e emmudeceste.

Foi bem rapido o momento
D'um alento repentino;
Porém n'esse olhar de fogo
Eu li logo o meu destino.

N'esse olhar, no rubor vivo,
No furtivo respirar...
Diz, tu mesma n'essas letras
Não soletras já: amar?

1860.

CULTO SECRETO

Ouve, languida virgem das cidades,
        A paixão que inspiraste.
Curvada, como a flor em vaso d'ouro,
        Tu, bella, me encantaste.

Eu vi-te assim pendida; a estrella d'alva
        Ao surgir do oriente
Não nos envia mais saudosos raios
        Do seu leito fulgente.

A viração da tarde, mais amena
        No bosque não murmura;
A alva açucena, que o vergel enfeita,
        Não tem a côr mais pura.

Eu vi-te, e desde então sempre em meus sonhos
        Surges, e magoada
Pareces ver as vagas d'esta vida
        Na margem debruçada.

Vejo-te então ainda, e pensativa,
Os labios entreabertos,
Murmurando em sentida linguagem
Pensamentos incertos.

Vejo-te ainda, as lagrimas ferventes
Dos olhos rebentando,
E, ao correrem nas faces, indiscretas,
Segredos revelando.

Que segredo é o teu, languida virgem,
Ideal dos meus amores?
Que imaginas nos sonhos d'essas noites
Tão cheias de fulgores?

Que mysterio procuras no occidente
Ao desmaiar do dia?
Ou que visão esperas, quando a aurora
Com rosas se annuncia?

Que occulto sentimento reprimido
Te faz anciar o seio?
Que intima dor, que pensamento acerbo?
Que indefinido enleio?

Olha, se o coração te pede amores,
Virgem, não chores, canta,
Para ti é que são as flores da vida
E a luz que nos encanta.

Tu, sim, podes amar; nas sacras aras
D'essa chamma inquieta,
Ateia o sacro fogo com que inflammas
O coração do poeta.

Tu, sim, podes amar; mas eu... se ao ver-te
Interrogo o futuro,
Uma voz me murmura: «Adora, martyr,
Adora, e morre obscuro.»

EMFIM!

Emfim! emfim! encontrei-te,
Luz ha tanto suspirada!
Raiaste, aurora fadada
D'um longo dia de amor!
Resplandece, sol brilhante,
Da primavera da vida!
Surge, surge, estrella querida,
Que tão grato é teu fulgor!

Se soubesses como ancioso
Aguardava este momento,
Que ha tanto no pensamento
Me aprazia em conceber!
Se soubesses, minha esp'rança,
Que anhelar ardente e incerto
Na aridez d'este deserto
Me fazia esperar e crer!

Ai, bem vinda, mensageira
D'uma indizivel ventura!
A úma vida de amargura,
Ridente imagem, põe fim!
Para longe esta tristeza,
Vejo emfim formosos dias!
Oh! dá-me, dá-me alegrias,
Que me cansa a vida assim!

Qual a terra desflorida
Pelas mãos do inverno agreste,
Que de gêlos a reveste,
E lhe afrouxa o ardor do sol;
Cinge as vestes de verdura,
Toda de amor palpitante,
Qual virgem junto do amante
Da primavera ao arrebol;

Tal minh'alma envolta em trevas
D'um passado de incerteza,
Rasga o seu véo de tristeza,
Ao ver-te surgir, amor!
E n'um hymno de alegria
Sauda a risonha aurora,
Que deslumbrante a namora
Com fatidico fulgor.

Bella flor, fragrante rosa,
Nos agros campos da vida,
Entre as outras escondida,
Como podeste florir?
Como os vendavaes furiosos
Das tempestades humanas,
Em suas furias insanas
Te não poderam ferir?

Foi condão do céo por certo,
Foi talvez aura celeste,
Que, ao nasceres, recebeste
E em ti se diffundiu;
E, forte, desceste ao mundo,
Brilhando de luz divina;
Essa luz que me fascina,
Que nas trevas me sorriu!

Tambem tu, bella, aspiravas
A um futuro vago ainda?
Tambem uma dita infinda
Te pedia o coração?
Ai, conta-me os teus segredos,
Os teus sonhos, teus anhelos,
Conta-me, quero sabel-os:
Teus sentimentos meus são.

Diz-me se n'aquelle instante,
Em que te vi meiga e bella,
Quando tu, formosa estrella,
Te elevaste no meu céo,
Uma voz mysteriosa,
Prendendo-te em doce enleio,
Segredar-te ao ouvido veio:
«Ama! teu dia nasceu!»

Diz-me, se ao viver inquieto
Por não sei que occulta chamma
Não succede, quando se ama,
Uma existencia de paz?
Se no horizonte sombrio,
Novo astro fulgurando,
Longinquas praias mostrando,
Venturas ver-te não faz;

Conta-me a vida passada
Antes do magico instante
Em que te vi radiante,
Meiga visão, a sorrir.
Diz-me os teus jogos da infancia,
As lagrimas que verteste,
As penas que padeceste,
Sem eu as poder sentir.

Tu choravas! quando longe
Eu de ti, talvez sorria!
Tu choravas! e eu podia
Tão indifferente viver!
Oh! não! mystica influencia,
Que dous entes n'um só liga,
Embora longe, os obriga
Um com outro a padecer.

E é esse, esse o segredo
Da tristeza indefinida,
Que em certas horas da vida
Nos opprime o coração;
Esse o segredo das lagrimas,
Que dos olhos virgineos correm,
E dos suspiros que morrem
Nas azas da viração.

Mas deixemos o passado,
Suas penas, suas dores,
Deixemos; auras melhores
Nos manda o porvir de além,
Qual do meio do oceano,
Após longinqua viagem,
Ao nauta fragrante aragem
Da patria fallar-lhe vem.

Em que mago encantamento
Esta dita a alma me embebe!
Só quem o sente o concebe;
Não se exprime este prazer!
Bem hajas, candida virgem!
Bem hajas tu, que no seio
De aspirações todo cheio,
O amor fizeste nascer!

Adeus pois, passado triste,
Longas horas de amargura;
Adeus, paz da sepultura,
Sem encantos para mim;
Adeus, soffrimentos vagos,
Adeus, febris pensamentos;
Esperam-me outros momentos,
Que o amor surgiu emfim.

Acorda pois, ó minh'alma,
Chegou emfim tua festa;
E qual se adorna a floresta
Da manhã ao grato alvor,
Veste tambem tuas galas,
O teu mais florido manto,
E leva um sentido canto
Ao sol da vida, ao amor!

Julho de 1859.

METAMORPHOSE

Repara: — a immovel crysalida
Já se agitou, inquieta,
Cêdo, rasgando a mortalha,
Resurgirá borboleta.

Que mysteriosa influencia
A metamorphose opéra!
Um raio do sol, um sôpro
Ao passar, a vida gera.

Assim minh'alma, inda hontem
Crysalida entorpecida,
Já hoje treme, e ámanhã
Voará cheia de vida.

Tu olhaste — e do lethargo
Mago influxo me desperta:
Surjo ao amor, surjo á vida
Á luz de uma aurora incerta.

1 de maio de 1860.

* * *

Onde vae teu pensamento,
Quando, os olhos elevando,
Segues das aves ligeiras
Esse harmonioso bando?

Que te dizem os gorgeios
D'essas pobres foragidas,
Que vão procurar ao longe
Outras selvas mais floridas?

Acaso temes, como ellas,
As nuvens negras, pesadas,
E os ventos que descem rapidos
Das altas serras nevadas?

Acaso invejas as azas
D'esses plumosos viajantes?
Acaso aspiras á vida
N'outros climas mais distantes?

Não, querida, não receies
Do inverno os duros rigores;
Quando do sol falta a chamma,
Brilha a chamma dos amores.

Não são para nós mais lucidas
As noites que o proprio dia?
Que onde a luz do céo fallece,
A paixão é que alumia.

E o gêlo, que as pobres aves
Na relva prostra sem vida,
Fundir-se-ha ao fogo ardente
Da nossa paixão, querida.

18 de outubro de 1862.

NUVENS

Vês as nuvens no azul do firmamento
De brancura offuscantes,
Como impellidas por tufão violento
Se formam em legiões extravagantes?

Olha; acolá, reunidas uma a uma,
Um throno symbolisam;
Alli, rasgam-se em flocos, como a espuma
Das vagas crespas que em areaes deslizam.

Mais longe, vês? as massas vaporosas
Informe monstro imitam,
E além, tingidas pela côr das rosas,
Paços que occultas magicas habitam.

Agora, vastos porticos, ogivas,
E um longo peristilo,
Columnas, capiteis, arcadas vivas,
Architecturas de ignorado estylo.

Logo por esses plainos dispersadas
Pelo sôpro do vento,
Como niveos cordeiros ás manadas
Succedem-se velozes cento a cento:

Ora parecem gigantescas serras
Com seus eternos gêlos;
Ora planicies de nevadas terras,
E das aguas boreaes os caramellos:

Alli nos representam funda gruta
E rochas diamantinas;
Acolá, mil exercitos em lucta;
Mais além, mil cidades em ruinas.

E sabes tu no que essas fórmas vagas
Perto de nós se tornam?
Dize, quando no prado a sós divagas,
Tens visto as gottas que o vergel adornam?

Pois são esses os thronos deslumbrantes,
A ogiva preciosa,
Os fustes das columnas de diamantes,
E encantados palacios côr de rosa.

Esse vasto espectaculo dos ares,
Essas magicas scenas,
A que presos estão nossos olhares,
Vêl-os ao perto? são orvalho apenas.

Bem assim os projectos, aureos sonhos
Que na vida sonhamos;
Bellos phantasmas, fulgidos, risonhos,
Que nos céos do futuro divisamos.

Pois que junto de nós, essas imagens,
Essa visão querida,
Desvanecem-se, perfidas miragens,
Fundem-se como a neve derretida;

Esp'ranças no porvir, nuvens formosas,
Em que assim te deleitas,
Como esse orvalho que humedece as rosas
Has de vêl-as em lagrimas desfeitas.

4 de setembro de 1862.

LAVA OCCULTA

Não me entendes? não suspeitas
Que esta frieza é fingida?
Não vês, cega, que envolvida
Está n'ella ardente paixão?
Quando teus olhares evito,
Quando julgas que medito,
Não comprehendes que me agito
Em profunda inquietação?

E julgas isto frieza?
Julgas que o meu peito é gêlo?
Se o que sinto não revelo,
Julgas que isso é não sentir?
Ai, louca, que assim te illudes;
Um momento que me estudes,
Verás que tormentas rudes
Me estão no peito a bramir.

Se a mão te cinjo á partida,
Não a sentes vacillante?
Diz, não vês como inconstante
Busco e evito o teu olhar?
Chamas a isto indifferença?
Não é, não, repara, pensa;
É o amor que se condensa
Para mais me devorar.

E tu não sentes... nem podes;
P'ra que os olhos vejam tanto,
E, sob indifferente manto,
Descubram violento amor,
Não, não basta olhar sómente;
O que o peito não presente,
Só quando fóra rebente
Póde aos olhos ter valor...

E o teu coração... outr'ora
Esperei que me entendesse;
Julguei que nunca esquecesse
O que na infancia nasceu,
E com os olhos no futuro
Caminhei firme e seguro,
E nunca este culto puro
No peito me adormeceu.

Mas tu... Essa flor singela
Da affeição que nos unia
Se definhava e morria
Desde que outra flor surgiu:
Scenas da infancia, folguedos,
Seus sorrisos, seus segredos,
Passam, como nos olmedos,
A folha que ao chão caiu.

E por isso as esqueceste;
Eu não; que então já no seio
Occultava com receio
Mais do que infantil amor.
Quando, só, em ti pensava,
E só comtigo me achava,
Não te lembras? já córava,
Nem p'ra mais tinha valor.

Cresci, e esta idéa sempre
Afagava na lembrança;
Sempre, sempre esta esperança,
Sempre, sempre esta illusão!
Illusão, sim, era apenas;
Todas as passadas scenas
E recordações amenas
Riscou-t'as nova paixão.

Foi uma noite. Esta idéa
Inda a conservo bem viva,
Cada dia mais se aviva
P'ra mais me fazer sentir;
Desde então já não me illudo,
Foi uma noite; vi tudo,
E fiquei gelado, mudo,
Sem esperanças, sem porvir!

Um outro estranho, que importa?
Te fallava com meiguice
E ás palavras que te disse
Tu sorriste e elle sorriu.
E, deshumana, não vias
Que o amigo de outros dias,
De cada vez que sorrias,
Crueis angustias sentiu!

Ai, noite de insomnia aquella!
Tu calcáras o passado,
Nem talvez nunca pensado
Havias n'elle como eu;
Quiz esquecer-te, vingar-me,
A outro amor entregar-me,
Mas só consegui cansar-me;
Este amor permaneceu.

Até quando? Só Deus sabe.
Comprimido elle floresce,
Mas vive, mas não fenece,
Que já da infancia elle vem;
Tu não vês que uma outra chamma
Ha muito teu seio inflamma,
E quando de véras se ama,
Vê-se o amante e mais ninguem?

Bom é pois que não suspeites
Que esta frieza é mentida,
Que não vejas que envolvida
Occulta ardente paixão.
Quando teus olhares evito,
Quando julgas que medito,
Nunca saibas que me agito
Em profunda inquietação.

Abril de 1860.

PRESAGIO

Era em florente junho;
A lua se ostentava
Serena em seu brilhar;
A briza na alameda
Saudosa suspirava
Nas folhas ao passar.

Comtigo, eu só no bosque
Ouvia-te, tão triste,
Soltar, mais triste, a voz;
Fallavas magoada
Da paz que só existe
Da fria morte após.

E os olhos lacrimosos
Fitavas nos espaços
Da mais amena côr,
Como se desejasses
Romper terrenos laços
E o azul do céo transpor.

Calado eu te fitava,
Porém ao ver-te o pranto
Banhar-te a face assim,
Não sei que dor pungente,
Não sei que mago encanto
Me fez fallar-te emfim.

E disse-te: «Não chores,
«Na terra é tudo flores,
«No céo é tudo luz.
«Escuta os sons do bosque,
«Respira os seus odores,
«O aroma, que seduz.»

Olhaste-me e sorriste;
E quanto não diziam
Então os olhos teus!
Quão intima tristeza,
Que dor não reflectiam
Quando os ergueste aos céos!

E eu ficava mudo,
Olhando-te inquieto,
Sem bem te comprehender;
E um ramo de cypreste,
O arbusto teu dilecto,
Vieste-me offerecer.

«Bem vês, da campa á beira
«Tambem a flor rebenta»,
Disseste-me a sorrir,
«Tambem no chão de morte
«De seiva se alimenta,
«Tambem a vês florir.

«Quem vir esta campina
«Virente e matizada
«Viçar á luz do sol,
«Dirá, que n'este manto
«Se envolve a fria ossada
«Do morto em seu lançol?»

De novo emmudeceste,
E eu, triste, contemplei-te:
Mas não, não te entendi,
Parecia que na mágua
Achavas um deleite,
Qual nunca igual senti!

Mas cêdo teus perfumes
Da terra aos céos subiram,
E eu soube tudo então!
Era uma voz prophetica
Das que o poeta inspiram,
Fallando ao coração.

No meio dos festejos
Da estiva natureza,
Sentias só a dor,
Vias a campa aberta
E em sua profundeza
Sumir-se a esp'rança em flor.

E hoje, sim, comprehendo
Tua conversa triste,
Quando commigo a sós...
E por que a entendo agora?
Não sei. Talvez existe
Em mim a mesma voz.

Oh! sim, ella me mostra
No meio d'estas galas,
Que vejo em torno a mim,
A terra humida e fria,
Do cemiterio as vallas
E o esquecimento emfim.

Abril de 1860.

JUNTO A UMA CAMPA

Que seria de ti, se desfolhada
Não fosses, linda flor, no chão da morte?
Quem póde ler na pagina cerrada
Do livro do futuro a ignota sorte?

Ninguem; e quantas vezes illudidos
Choramos o que é nuncio de ventura?
Quantas, na esperança de prazeres mentidos,
Vemos luz onde tudo é noite escura?

Que seria de ti? Não sei. Se escuto
A voz do coração, falla de amores.
Mas quem me diz que a dor com que hoje lucto
Não findará com o aroma d'outras flores?

Quem me diz que minh'alma, que palpita
Ao recordar-te, ó virgem desditosa,
Não viria inda um dia a ser precita
Ao fogo da paixão mais poderosa?

Quem sabe? Tudo muda: o peito do homem
Como a ondulante face do oceano;
A um volvem as paixões que nos consomem,
A outro as furias do vento vario e insano.

Tudo muda! E meu seio não se exime
Da eterna lei que rege este universo:
Benção ou maldição. Ella se exprime
Sem cessar na existencia desde o berço.

E então se no porvir o ardente culto
Que eu te votava, ó sombra idolatrada,
Tivesse de findar, antes sepulto
Seja todo este amor na urna gelada.

Foste feliz talvez, talvez na vida
Tivesses de provar amarga taça,
E hoje, á sombra da campa, adormecida
Colhes a prece e o pranto de quem passa.

Vivias para amar, morreste amando,
Morreste rodeada do perfume
Da divindade, e virgem, não anciando
No pungir afflictivo do ciume.

Morreste amando e amada. Sobre o leito
Onde tombaste inanime, sentiste
A sacra chamma que me enchia o peito
E na extrema agonia inda sorriste.

Não devo lamentar-te, não. Podias
Sentir na vida dores que ignoraste,
E eu mesmo, a quem do tumulo sorrias,
Talvez te désse a corôa que engeitaste;

A corôa do martyrio, que a não colhe
Quem verga, como tu, tão cêdo á terra;
Mas sim quem vive e ao tumulo se colhe
Depois de transes de porfiada guerra.

Eu li na descripção de antigas viagens
O destino de um naufrago, que os ventos
Sobre parceis e incognitas voragens
De longe arremessaram violentos.

Ia a desfallecer, no humido abysmo
Buscando o ultimo leito e o eterno olvido;
Mas no esforço do extremo-paroxismo
Firmou-se ás rochas de um penhasco erguido.

E salvou-se! prostrado sobre as fragas,
Ao Eterno com jubilo agradece;
E, olhando ao longe as furiosas vagas,
Do destino dos mais se compadece.

Mas bem cêdo na esteril penedia
Colheu o triste amargo desengano,
Vendo seguir-se um dia após um dia,
E tudo só na vastidão do oceano.

Era a mudez da campa! Em passos lentos
Se aproximava a descarnada fome;
Longos dias de horrificos tormentos
A preceder-lhe um tumulo sem nome!

Até que emfim o pobre, quasi louco,
P'ra fugir á tortura que o devora,
Nas proprias ondas, que evitára ha pouco,
Busca o refugio, o passamento, agora!

Nos naufragios da vida, quantas vezes
Nós, pobres nautas, o furor das vagas
Vencemos, p'ra mais rispidos revézes
Irmos soffrer em solitarias plagas!

Feliz o que succumbe na tormenta;
Um instante de angustia... e o eterno somno
O livra do martyrio que experimenta
O que soffre na terra o abandono.

Feliz pois tu, que cêdo desfolhada
Caíste, ó bella flor, no chão da morte;
Quem sabe o que na pagina cerrada
Do livro seu te reservava a sorte?

20 de dezembro de 1861.

A ESPERANÇA

No passado, uma saudade,
No presente, uma amargura,
E no futuro, uma esp'rança
De imaginaria ventura;

Eis no que consiste a vida
Imposta por Deus ao homem.
N'isto se consomem dias!
N'isto annos se consomem!

Saudade é flor sem perfumes
Quando ainda verdejante,
Mas á medida que murcha,
Ai, que aroma inebriante!

A amargura é duro espinho
Que nas carnes penetrando,
Faz desesperar da vida,
Suas flores definhando.

A esperança é frouxa luz
Que nas trevas nos fulgura;
Vendo-a, ousados caminhamos:
Mas, ai, que bem pouco dura!

Quantos mais passos andados
Na agra senda d'esta vida,
Mais amargo é o presente,
E a saudade mais sentida.

Mas a esperança não; os annos
Fazem-lhe perder o brilho;
Cáem-lhe uma a uma as folhas
Da existencia pelo trilho.

A velhice nada espera,
Nada da esperança lhe dura...
Mas não, cansada da vida,
Tem a paz da sepultura,

Tem a morada fulgente
Da intelligencia divina;
Tem as regiões sagradas,
Que eterno sol illumina.

Bemdito sejas, meu Deus!
Que nos dás na vida inteira
A filha dos céos, a esperança,
Por suave companheira.

Ella nos enxuga o pranto,
O pranto alegre e amargoso;
Não a accusemos de perfida,
Esperar já é um goso.

A mente, esperando, concebe,
Concepção sempre illudida,
Prazeres talvez entrevistos
Nas scenas d'uma outra vida.

Esperemos pois, companheiros
D'esta fadigosa viagem!
Se a esp'rança é a imagem do goso,
Adoremos essa imagem.

E cruzando este oceano
Com os olhos no porvir,
Esqueçamos no presente
Seu horroroso bramir.

E quando emfim, já cansados,
Reclinarmos nossa fronte,
Que a esperança nos revele
Mais dilatado horizonte.

Agosto de 1859.

ILLUDAMO-NOS

Desenganos do passado,
Não servireis ao porvir?
Sempre a perder illusões,
Sempre illusões a sentir!

Não mais, não mais; n'esta vida
Ainda esperar é loucura.
Soffrer: eis nosso destino!
Sonhar: eis toda a ventura!

Soffiramos pois... Não, sonhemos,
Creando mundos ideaes,
E com mentidos prazeres
Curemos penas reaes.

Illusões, sede bem vindas,
Povoae-me o pensamento:
Comvosco, sim, a ventura
Se gosa por um momento.

Julho de 1860.

HYMNO DA AMIZADE

(AO MEU PRIMO E AMIGO JOSÉ JOAQUIM PINTO COELHO)

Amigo, concede que as notas da lyra
Te sagre n'um dia que a tantos sorri;
Se a triste, saudosa, de máguas suspira,
Soará d'esperanças agora por ti.

Escuta-a; se as vozes são fracas, afeita
Que ella é desde muito com os cantos da dor,
Seu debil tributo, seus hymnos aceita
Qual tenue perfume de languida flor.

Os *annos* são marcos na senda da vida,
Nos quaes o viajante costuma parar,
E os olhos volvendo na estrada corrida,
As scenas passadas lhe apraz recordar.

Suspende um momento teus passos, suspende,
Na santa romagem que cumpres ahi,
E além, ao passado teus olhos estende,
Além, o passado, contempla-o d'aqui.

Oh! pára, paremos, que as scenas d'outr'ora,
Tão ricas de encantos, são minhas tambem;
Pois juntos nos vimos da vida na aurora,
E juntos passamos os annos além.

Além, ao mais longe que avistam teus olhos,
Estende-os, amigo; repara, que vês?
Formosa campina de flores sem abrolhos
Mais bella a distancia, que ao perto talvez.

Ahi — não te lembras? — correu-nos a vida,
Qual lympha tranquilla no prado em abril,
De dia em folguedos a mente esquecida,
De noite enlevada por sonhos aos mil.

Ai tempos de encantos, ai fulgidas scenas
Volvidas com os annos chorados em vão;
Ai, quanto mais gratas não são tuas penas,
Que a propria ventura que as outras nos dão!

Paremos, amigo, paremos ainda
A olhar esta quadra tão longe de nós;
Que a luz que a illumina bem cêdo se finda,
Que os entes que a adornam deixaram-nos sós.

Tão gratos nos eram da aurora os fulgores,
Como o ultimo raio do dia a findar,
Que se uns ainda ao peito nos fallam d'amores,
Os outros saudades nos vem despertar.

Após esta parte da nossa jornada,
Tão bella e tão curta, lá se ergue uma cruz,
E eu, orphão mesquinho, na campa ignorada
Não pude ajoelhar-me, nem flores depuz.

E as cinzas queridas... mas não, adiante,
Perdoa, perdoa, se esqueço o meu fim;
Ó lyra, taes crepes arroja distante;
Ó alma, tuas dores divulgas assim?

Mas n'esses instantes em que eu na orphandade
Aos eccos tão tristes fallava da mãe,
Os laços ligando da nossa amizade,
As vestes de luto cingias tambem.

Porém nova quadra se segue. A corrente
Da vida mais turva p'ra nós se mostrou;
Pequenos martyrios que soffre o innocente
De que hoje nos rimos, o peito provou.

No meio de estranhos eu vi-me sósinho,
E assim na carreira das letras entrei.
A mão que meus passos guiou com carinho
A morte roubou-m'a, e eu só caminhei.

Mas inda então mesmo na vida de criança
A nossa amizade não pôde esfriar;
Nas horas votadas á grata folgança
De jubilo cheio te vinha encontrar.

Mais tarde a nós ambos na senda da vida
Guiou-nos os passos benevola mão.
Recordas-te d'elle? Da imagem querida,
Da imagem saudosa do amigo, do irmão?

Que tempo, que scenas passamos unidos!
Prazeres, trabalhos, leituras communs!
Ai, quantas saudades dos tempos volvidos
Me restam no peito, remorsos nenhuns!

Aquella nobre alma, já perto da morte,
Que negra adejava de si ao redor,
Mais nobre por isso, mais bella, mais forte,
P'ra as luctas da vida nos dava calor.

O sol á florinha que adorna a collina,
Já perto do occaso não nega o luzir;
Sem elle os rigores da briza ferina
Faziam-lhe o sôpro da vida exhaurir.

A estrada apontou-nos que afoúto seguira,
E onde tão firme marchar sempre o vi,
Em nós verte o alento que a elle o inspira,
E pára ao dizer-nos: «Eu fico — parti!»

E a sombra seguindo do irmão, que lhe aponta
Fulgente de esperanças a estrada do céo,
A terra abandona, no empyreo desponta,
E cêdo p'ra sempre de nós se perdeu.

Ao ver-me sem elle sósinho na vida,
Faltaram-me as forças, tentei recuar,
Que a luz que me guiava, na campa sumida,
Em trevas profundas deixou-me ficar.

Mas inda de novo p'ra mim sua imagem,
Surgindo da campa, me veio sorrir,
Alento infundir-me, bradar-me: «Coragem!»
E eu, forte, sua obra não quiz destruir.

Por outro caminho seguiste, comtudo
De espaços a espaços cingimos as mãos:
Nas lides da vida, nas lides do estudo,
Jámais esquecemos o nome de irmãos.

Mil vezes á sombra do denso arvoredo
Fallavamos ambos do nosso porvir,
Dos tempos passados, do ignoto segredo
Que dentro do peito tentava florir.

Ao fim da carreira, que anciado trilhava,
Após mil fadigas emfim te encontrei;
Mas antes, de novo a dor nos magoava:
De um tumulo á beira comtigo chorei.

Aos mares da vida teu barco lançaste;
Na margem parado, meu barco sustei.
É tempo! Partamos. Tu, forte, cruzaste
As ondas, e «Ao largo!» bradar escutei.

Mas lá que me espera? nas vagas furiosas
Veria afundar-se meu pobre baixel;
Vogando tão longe de praias formosas
Irá destruir-se n'um duro parcel?

Calae-vos, inquietos anhelos d'um peito,
Que muito receia, por muito querer;
Calae-vos, esp'ranças com que eu me deleito
Nas horas mais gratas d'um triste viver.

Oh! deixa, deixemos tão longo horizonte,
Que vago e obscuro para todos elle é:
Deixemol-o, amigo, té quando desponte,
Esperemol-o fortes de esperança e de fé,

E a vista lancemos mais perto: no espaço
Bem curto em distancia, de affectos maior,
Que vemos? Os entes, que um candido laço
Reune em familia com santo fervor.

Nos rostos que anima fulgente alegria,
Amor e ventura bem facil se lê;
E a idéa que é hoje de encantos um dia,
O seio lhes enche de jubilo. Vê.

Louvemos o Eterno, que assim te permitte
Provar d'uma taça tão pura e sem fel;
Saudemos o dia que aos rostos transmitte
Os gosos, que verte no peito fiel.

Desviemos o rosto das nuvens passadas,
Fechemos os olhos ás trevas por vir,
E as horas presentes, á paz consagradas,
Gosemos; gosemos tão bello existir.

E agora perdoa se as notas da lyra
N'um dia como este, que a tantos sorri,
Ás vezes, saudosa de máguas, suspira,
Em vez de esperanças soar só por ti.

20 de outubro de 1861.

VOZ DE SYMPATHIA

Ao despontares da amena juventude,
De galas e de flores ornaste o seio;
E de mil sonhos de prazer no meio,
    Com que o peito se illude,
Aguardaste o alvor do sol fulgente,
Que luz e vida ao coração dispensa,
De amores ideaes, na dita immensa,
    Deleitavas a mente.

Elle surgiu! esse astro rutilante!
Não ephemera luz, que instantes brilha,
Porém cujo fulgor cêdo se humilha,
    Nasce e morre inconstante.
Surgiu! não como a chamma das estrellas,
Que em multidão infinda o céo povoam,
E pallidas o véo da noite coroam,
    Quaes lucidas capellas;

Mas unico, brilhante, duradouro,
Como o astro do dia, que surgindo,
E luminosas vagas diffundindo
Raios de fulgente ouro,
Dispersa na amplidão a immensa turba
Dos outros astros que no espaço giram,
Emquanto elles no céo sua luz admiram,
E nenhum o perturba.

Volveram annos, risos e fulgores
Da idade juvenil se desvanecem,
Mas não morre a affeição, mas não fenecem
Teus candidos amores;
Não fenecem, não morrem; crescem antes,
O sentimento e a razão os gera,
Sentimento e razão, que Deus vertera
No teu sêr, abundantes.

Volveram annos... e a final? Gosaste
Essa ventura, esp'rança de teus dias?
Ai, não; em vez do calix de alegrias,
O do travor provaste.
Trahiram-te! e um frio esquecimento
O premio foi de teu amor constante;
E a luz que te guiava fulgurante
Sumiu-se n'um momento.

E a duvida não veio na tua alma
Negar d'um Deus supremo a existencia,
Descrer d'essa irrisoria providencia,
Que aos máus concede a palma?
Oh! não; curvaste a fronte angustiada,
Escondeste tuas lagrimas ardentes,
E mostraste-te aos olhos indifferentes
Victima resignada.

Elles vêem em teus labios o sorriso,
E julgam que provém do esquecimento!
Cegos! vissem-te á luz do sentimento
Como eu te diviso.
Saberiam que angustia elle escondera,
Que pungente amargura n'elle occulta!
Saberiam que a dor que mais avulta
Não é a mais sincera.

Que mundo! Áquelle que sua fé trahira,
Os prazeres, os gosos, a riqueza;
A ti saudade, isolação, tristeza!
E não é Deus mentira?!
E o crime folga, e é victima a innocencia!...
Não folga; o Céo é justo, e o máu condemna,
Dá-lhe o *remorso* por amarga pena,
E a ti a *consciencia.*

Abril 25 de 1860.

O DESTINO DA LYRA

Cantar o amor é destino,
Quando o seio pulsa ardente,
Quando no nosso horizonte
Surge a imagem resplendente
D'um sol que a aridez da vida
Transforma em jardim florente.

Mas quando a chamma se extingue,
Que no peito nos ardia,
A lyra não canta amores,
Nem os sonha a phantasia;
Então *natureza e patria*
Só nos inspiram poesia.

Depois, os annos declinam
Como o sol no azul dos céos;
E quando a noite da vida
Já nos estende seus véos,
Todos os cantos da lyra
São consagrados a Deus!

12 de agosto de 1860.

* * * *

Á luz do sol nascente
Resplendem pelas selvas
Mil perolas nas relvas,
Nos ares mil rubis;
No azul do céo nevoado
Não brilham as estrellas,
Mas são imagens d'ellas
As flores do tapiz.

As aves perpassando
Agitam a ramagem,
E a perfumada aragem
Nos bosques se introduz;
Ahi mil vozes fallam
Ao céo sereno e mudo;
No bosque é sombra tudo,
No céo é tudo luz.

Ridente madrugada,
Hora em que do oriente
Com o gladio refulgente
O archanjo da luz vem;
E as trevas se dissipam,
Com as trevas a tristeza,
Que em toda a natureza
A noite eivado tem.

Oh! vinde, vinde ao prado
Que o orvalho inda humedece;
Alli tudo parece
Á vida resurgir.
Em vortices continuos,
Em doudejantes valsas
Elevam-se das balsas
Insectos a zumbir.

Subi do prado ao vertice
Da florida collina,
Então pela campina
Os olhos prolongae:
Ao longe, ao longe as vagas,
Luctando nos fraguedos;
Mais perto os arvoredos
Que o arroio banhar vae.

A tudo anima a esp'rança
No monte e valle e praia;
No céo Vesper desmaia
Ao matutino alvor.
O cantico das aves,
Das flores o aroma
Nos diz: — O dia assoma!
Hosanna ao Creador! —

1 de junho de 1862.

NOVA VENUS

Solta aos ventos as tranças douradas,
Meiga filha das bordas do mar,
E no meio das vagas iradas
Solta aos ventos o alegre cantar.

Não, não temas as nuvens sombrias,
Que uma a uma se elevam d'além,
Que rodeado d'amor e alegrias,
O teu céo d'essas nuvens não tem.

Canta sempre; de noite ás estrellas,
De manhã ao luzir do arrebol,
Ao passarem no mar as procellas,
Ao sorrir nos outeiros o sol.

Canta sempre, ó alcyon d'estas vagas,
Nova filha da espuma do mar,
Canta sempre, e eu sentado nas fragas,
Voltarei para ouvir-te cantar.

28 de fevereiro de 1863.

* * * * *

Hoje, quando te vi, estavas scismando;
Em que scismavas tu, virgem formosa,
Desmaiadas as faces côr de rosa,
E o seio, o gentil seio, inquieto arfando?

Em que scismavas tu? De quando em quando
Elevavas ao céo, triste, saudosa,
A vista amortecida, lacrimosa,
Para a baixar depois em gesto brando.

No chão jaziam murchas, desfolhadas,
As rosas, que ainda ha pouco te toucavam,
Agora já por ti abandonadas.

Os ultimos clarões do sol douravam
As tuas bellas tranças desatadas;
Diz, que intimos anhelos te turbavam?

DESESPERANÇA [1]

(INEDITA)

Meu Deus, que destino!... viver isolado,
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Não era esta a vida que eu tinha sonhado
Nos sonhos passados d'um outro viver!

As feras, as aves, as flores, quanto existe,
Se abrazam n'um terno, dulcissimo ardor!
Só eu, solitario, viver sempre triste!
Viver?— Não: que é vida, faltando-lhe o amor?

É ermo entre gêlos, é horrida noite,
Aonde um só astro, sequer nem reluz!
Como hei de, sem crenças onde a alma se acoite,
Do Golgotha ao cimo levar minha cruz?!

(1) Transcripta do *Museu Illustrado,* de março de 1879.

O anceio, este fogo que lento me inflamma,
Não hei de apagal-o n'um goso real!
E os vagos transportes que sente quem ama
Terá de abafal-os paixão mundanal?

Não ter seio amigo no qual eu repouse
A fronte cansada de ardente pensar,
Uma alma conforme com a minha, a quem ouse
Dizer quanto sinto no peito a pesar!

Ai! triste, que sorte! viver entre gêlo,
Sentindo atear-se cá dentro um vulcão!
Nutrir tanto affecto no peito, e perdel-o!...
Desejos que abrazam, mantel-os em vão!

Meu Deus! És injusto!... mas oh! se blasphemo,
Perdoa, que a mente mal pensa o que diz!
Perdoa, perdoa-me, ó Ente supremo,
Concede-me ainda que eu seja feliz!

Oh! dá-me a ventura que em sonhos já tive!...
Uma alma que est'alma soubesse entender!
Um ente, se acaso na terra elle vive,
Que possa este vacuo de amor preencher.

Que immenso thesouro d'affectos lhe dera!
Sorrira-lhe a vida n'um eden gentil!
Entre outros segredos então lhe dissera
Taes fallas, cortadas por beijos aos mil!

Ai! foge, deixemos da vida mundana
Seus vãos devaneios, seu fogo fallaz!
Busquemos sósinhos deserta cabana,
Aonde não turve ninguem nossa paz!

Que immensos prazeres que lá nos esperam!
Que ledo futuro que então nos sorri!
Alli não ha máguas, que o peito laceram,
Dos homens o bafo não chega até 'li!

Que vida, essa vida que então lá teremos
Tão rica d'affectos, de gosos sem fim!
Que ternos enlevos, que doces extremos,
Que bellos os dias, passados assim!

D'esp'ranças e flores no quadro tão lindo
No cimo do monte, da aurora ao nascer,
Iremos saudal-a, dizer-lhe: — Bem vinda
Tu sejas, que á terra dás luz e prazer!

Depois, vendo as aves com doce harmonia
Soltarem seus cantos no bosque além,
Na lingua dos anjos, na maga poesia,
Aos céos nossos hymnos se elevem tambem!

Oremos ao Eterno, sagremos-lhe os cantos,
Que d'alma espontaneos prorompem então!
Depois revolvamos provar dos encantos
Da vida ineffavel que anima a soidão!

Da tarde ao crepusc'lo, nos breves instantes
D'essa hora em que se unem as sombras e a luz,
Tambem nossas almas unidas e amantes
Anhelem delicias que a noite conduz!

Alli, o murmurio da rapida briza
Banhada em perfumes, roubados á flor,
E a lympha, que mansa no prado deslisa,
Virão segredar-nos mil fallas d'amor!

—Amor—repercutam os eccos da serra!
—Amor—lá das aves se escute na voz!
E as nuvens, as fontes, os bosques, a terra,
—Amor—só respirem em torno de nós!

—Amor—alta noite veremos escripto
Com letras douradas no livro de Deus!...
Presagio divino do goso infinito,
Que um dia teremos unidos nos céos!

E um dia lá corre, d'amor bafejado,
Ao outro que surge prazeres iguaes!
E sempre esta vida!... Mas, ai! desgraçado!...
Que assim me enlevava d'esp'ranças banaes!

Debalde illudir-me procuro n'um sonho!
Cruel desengano, cruel que elle é!
Elle aponta o futuro, sombrio e tristonho,
Sem crenças, sem gloria, sem vida, sem fé!

A mim só me resta viver isolado!
Sem ter quem no mundo me possa entender!
Ai! sonhos tão bellos que outr'ora hei sonhado!
Delicias passadas d'um outro viver.

SIMILIA SIMILIBUS

Nova seita proclamaram
De Esculapio os descendentes;
Dão vivas os boticarios,
Estremecem os doentes.

Mas que achado! Os velhos medicos
Vêem o passado com mágua;
Estes, do novo systema,
Aquecem agua com agua.

O fogo apagam com fogo,
Dão vista aos cegos, cegando,
E até p'ra coroar a obra,
Curam da morte... matando.

SEGUNDA PARTE

A J. * *

Acredita que os anjos tambem soffrem
N'esta mansão de dores,
E não olhes o mundo lacrimosa,
Quando o vires despido de fulgores.

Mal sabe a rosa, ao vicejar lasciva
Em plena primavera,
Que é passageira a quadra; que após ella
Se despovoa o prado, e a morte a espera.

O terreno que pisas n'esta vida
Occulta um precipicio;
O caminho, onde ao fim vemos a gloria,
Quantas vezes termina no supplicio!

Eu já vi, sobre um tumulo isolado,
Um grupo de crianças
Dando as mãos, e travando em chão de morte,
Com risos infantis, alegres danças.

Vi-as tambem sorrindo descuidadas,
Se piedoso viandante
Parava pensativo e, murmurando
Uma humilde oração, passava adiante.

Assim tambem sorris, se melancolico
Eu penso no futuro.
Quando uma sombra vem turbar-me a fronte,
Como ellas, ris do meu semblante escuro.

Mas olha, vaes saber a historia triste
D'esses tres innocentes,
Que sobre as cinzas frias d'uma campa
Se entregavam a jogos complacentes.

Á noite a mãe, beijando-os, estranhou-lhes
Das faces a brancura;
E um presagio sentiu; ao alvor do dia
Levava-os todos tres á sepultura.

É que os ares do tumulo dão morte
Em afago homicida;
N'esse ar infecto em que se extingue a chamma,
Tambem arqueja e expira a luz da vida.

Teme pois tambem tu, candida virgem,
O ar que aqui respiras;
E não perguntes mais ao viandante
Que pensamentos d'amargor lhe inspiras.

A NOIVA

(NO ALBUM DA EXC.^{ma} SNR.^{a} D. ISABEL M. FIGUEIREDO DE CARVALHO)

Mal as regiões do oriente
A luz da manhã tingia,
Já ao crystallino espelho
A linda noiva sorria,
E a alva flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

A noite passára á vela,
E que noiva a dormiria?
E ao desmaiar das estrellas,
Alvoroçada se erguia,
E a alva flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

Depois, ligeira, impaciente,
Chegava-se á gelosia
A ver se o sol já dourava
Os cimos da serrania,
E a alva flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

De quando em quando chorava...
E o que chorar a fazia?
Saudades do que passára?
Terrores do que viria?
E a alva flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

Mas são lagrimas de noiva,
Um só beijo as secaria,
São como gottas de orvalho
Quando o sol as alumia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

Que longo porvir d'amores,
Que futuro de poesia,
Que palacios encantados
Lhe pintava a phantasia,
Quando a flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia!

E ao casto leito de virgem
Dentro da alcova sombria,
A noiva, de quando em quando,
Inquieta os olhos volvia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

Por entre o rosal florido,
Que o balcão lhe entretecia,
As avezinhas cantavam
Com festiva melodia.
E ella a flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

Alto ia o sol, resplendente
Na manhã d'aquelle dia,
Cuja noite... Esta lembrança
Da noiva as faces tingia;
E a alva flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

A mãe, vendo-a tão formosa,
Julgava um sonho o que via,
Que o vestido de noivado
As graças lhe encarecia,
E a alva flor da laranjeira
Do véo de neve pendia.

Veem as irmãs, que a contemplam
Com inveja, eu juraria:
Ella baixa os olhos, córa,
O que mais bella a fazia,
E a alva flor da laranjeira
Do véo de neve pendia.

Junto d'ellas, perturbada,
Quasi nem fallar podia;
Só as mães bem comprehendem
O que a noiva então sentia,
Quando a flor da laranjeira
Do véo de neve pendia.

As horas passam tão lentas!
E o coração lhe batia,
A mãe chorava, coitada,
Com saudades o fazia;
E a alva flor da laranjeira
Do véo de neve pendia.

A sala já estava cheia;
A noiva achava-a vasia,
Que entre tantos convidados
Ainda o noivo se não via;
E a alva flor da laranjeira
Ha muito do véo pendia!

Passa a manhã, e não chega!
Não chega, e é já meio dia!
Nas varandas, nos eirados,
Se dispersa a companhia;
E a alva flor da laranjeira
Ha tanto do véo pendia!

O rosto da bella noiva
Cada vez mais se annuvia,
Não sei que voz mysteriosa
Desgraças lhe presagia;
E a alva flor da laranjeira
Inda do véo lhe pendia.

Fenece a tarde. Eis a noite,
Hora de melancolia.
No rosto dos convidados
Desassocego se lia,
E a alva flor da laranjeira
No véo da noiva tremia.

Tudo é silencio. A coitada
Uma estatua parecia...
Tão pallida como marmore,
Como elle immovel, fria;
Só a flor da laranjeira
No véo da noiva tremia.

Abrem-se as portas. «É elle!»
Disse toda a companhia;
Porém illusoria esperança!
Um pagem só apparecia;
E a alva flor da laranjeira
Do véo da noiva caía.

Tristes novas traz o pagem,
Que triste o rosto trazia;
Fez-se um silencio profundo
Emquanto que elle as dizia,
E a alva flor da laranjeira
Inda por terra jazia.

Dispam-se as galas da festa,
Calem-se os sons de alegria,
Que morto em cruel combate
O noivo... Um grito se ouvia,
Junto á flor da laranjeira
A noiva no chão caía.

Cercam-a todos... debalde,
O seio já não batia;
Aquella mimosa planta
Sem alentos succumbia,
Como a flor da laranjeira,
Derrubada alli jazia.

Mal sabia a pobre noiva
P'ra que bodas se vestia!
Mal sonhava a desposada
Que a morte esposar devia!
Quando a flor da laranjeira
Ao véo de neve prendia.

Com as vestes do noivado
Para o sepulchro ella se ia;
Em vez do rubor de noiva
A pallidez da agonia,
E a alva flor da laranjeira
Do véo de neve pendia.

Tantos sonhos que sonhára!...
Tanta esp'rança que nutria!...
Por esposo tinha a morte,
Por thalamo, a lousa fria,
E a alva flor da laranjeira
Com ella á campa descia.

O DESPERTAR DA VIRGEM

Que é isto? que sentimento
Me faz palpitar o seio?
Meu Deus, meu Deus, por que anceio?
A que aspira o coração?
Que me revela este fogo,
Esta vaga inquietação?

Da vida a clara corrente
Por que é que se perturba?
Por que, fugindo da turba,
Eu só folgo ao ver-me a sós,
Escutando ignotas fallas
De não sei que estranha voz?

Inda ha pouco me apraziam
Da alegre infancia os folguedos;
Hoje não sei que segredos
O coração me prediz;
Enfadam-me as alegrias
D'esses tempos infantis.

Ás horas do fim do dia,
Quando o sol no mar declina
E d'aurea luz illumina
Todo o horizonte ao redor,
Por que me sinto enleiada
N'um indizivel langor?

De manhã, quando nas selvas
O dia desperta as aves,
E mil aromas suaves
Sobem dos campos ao céo,
Por que sinto ante meus olhos
Estender-se humido véo?

E esta imagem resplendente,
Que sorrir-me em sonhos vejo,
Ai, tão bella, que desejo
Sempre mais tempo sonhar!
Quem é que em tão mago enleio
Me faz, sem querer, sonhar?

Este anciar incessante,
Esta esp'rança inda tão vaga
De gosos, que a mente afaga,
Mal lhe sabendo o valor,
Este ignoto sentimento...
Deus do céo, será o amor?

Amor! que palavra é esta,
Que ella só me sobresalta
E mil sensações exalta
Desconhecidas p'ra mim...
Que poder magico encerra
Para me agitar assim?

É o amor o sentimento
Que me faz arfar o seio?
Este goso por que anceio
E a que aspira o coração?
É pois amor este fogo,
Esta vaga inquietação?

QUINZE ANNOS

(NO ALBUM DO MEU AMIGO J. M. NOGUEIRA LIMA)

Que são quinze annos, quando a virgem córa?
Quando, já triste, na soidão vagueia?
Que são quinze annos, se ao surgir da aurora,
A embala em sonhos embriagante idéa?

Se ao fim da tarde, em languidez caída,
Do peito sente o palpitar inquieto,
E aspira, anciosa, mais ardente vida,
Vida d'amores, de paixões, de affecto?

Que são quinze annos, quando um sangue ardente
No peito infunde abrazadora lava?
Quando aos assomos da paixão nascente,
A alma da virgem se submette escrava?

Ai, quantas vezes n'esses jovens seios
Se esváe bem prestes a infantil bonança?
Quantas se occultam juvenis enleios,
Nas apparencias de pudor, criança?

Vês a palmeira, que no nosso clima
Arbusto humilde, um vendaval derruba,
Como nas plagas, que o calor anima,
Eleva altiva a magestosa juba?

A mesma vida, que recebe a planta
N'essas paragens onde o sol dardeja,
O amor, o astro que a existencia encanta,
A mesma vida ao coração bafeja.

E tu, que deixas os pueris folguedos,
Como a grinalda que esfolhada viste,
E erras em choro por jardins e olmedos,
Ai, virgem, virgem, já o amor sentiste.

Já o aspiraste, percorrendo a relva,
Entre perfumes da violeta e rosas;
Fallou-te d'elle o rouxinol na selva,
E a estrella em noites de verão formosas.

Fallou-te d'elle a matutina briza,
Por entre as folhas sussurrando meiga;
No prado a lympha, que a correr deslisa,
E a borboleta nos rosaes da veiga.

Fallou-te d'elle esta gentil paisagem,
O azul dos céos, a secular floresta.
Esse o mysterio que em subtil linguagem
Ás virgens conta a natureza em festa.

Ouvindo, pois, as namoradas fallas,
Que eu delirante te fallei, donzella,
O que receias? por que assim te calas,
Rubra de pejo, que te faz mais bella?

Esconde a fronte no meu peito, esconde,
Mas não hesites ao dizer-me que amas.
Que são quinze annos, linda flor? responde,
Quando o teu seio se devora em chammas?

O BOM REITOR

Sabem a historia triste
Do bom reitor?
Misero, toda a vida
Levou com dor.

Fez quanto bem podia,
Mas... a final
Morre, e na pobre campa
Nem um signal.

Nem uma cruz ao menos
Se ergue do chão!
Geme-lhe só no tumulo
A viração.

Vêdes, além, na relva
Junto ao rosal,
Flores que ha desfolhado
O vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde;
A creação
Paga-lhe assim a divida
De compaixão.

Pobres, que amava tanto,
Nunca, ao passar,
Choram, curvando a fronte
Para rezar.

Nunca, ao romper do dia,
O lavrador
Pára e lamenta a sorte
Do bom reitor.

As criancinhas nuas
Que estremeceu,
Já nem sequer se lembram
Do nome seu.

No salgueiral vizinho,
Ao pôr do sol,
Vae-lhe carpir saudades
O rouxinol.

Lagrimas... pobre campa!
Ai, não as tem;
Só da manhã o orvalho
Rocial-a vem.

Da solitaria lua
A triste luz
Grava-lhe, em vagas sombras,
Estranha cruz.

E elle repousa, dorme,
Vive no céo.
Dorme, esquecido e humilde,
Como viveu.

Ha n'esta vida amarga
Sortes assim:
Vive-se n'um martyrio,
Morre-se emfim

Sem que memoria fique,
Para contar
Ás gerações que passam,
Nosso penar.

Quem me escutar, se um dia
Ao prado for,
Ore pelo descanso
Do bom reitor.

INICIAÇÃO

Além, n'aquella avenida,
De platanos e salgueiros,
Foi que em teus beijos primeiros
Bebi a primeira vida.

Sob os copados verdores
D'aquella frondosa rua,
Mal vistos da propria lua,
Fallavamos nós d'amores.

Todos em nossa procura,
Nós a rirmos escondidos.
Oh! que instantes decorridos!
Oh! que rapida ventura!

«Vae», disseste-me ao partires,
«Que estes beijos te dêem vida.
«Adeus, a infancia é volvida!
«Lucta, e... se não succumbires...»

E a voz faltava-te em meio;
E eu disse com modo brando:
«Se não succumbir?...» Chorando
Apertaste-me ao teu seio.

«Volta; e a sentida promessa,
«Que em meus beijos entendeste,
«Cumprida será.» Disseste:
«Adeus. A lucta começa.»

E começava! Ai, por vezes
Me tomou o desalento;
Porém aquelle momento
Lembrava-me nos revézes.

Luctei. E ao voltar agora
Com as lembranças do passado,
Dize-me, anjo, se me é dado
Recordar-te ainda essa hora?

A JOVEN MÃE

Vistes a joven mãe, junto do berço
Do filho adormecido?
Que lhe importava o resto do universo?
Tudo o que a mão de Deus n'elle ha disperso
Via alli resumido.

A guerra vae accesa, o sangue corre
Pelas nações da terra;
Mas todo esse rumor no berço morre;
A augmentar o silencio até concorre
Que o gyneceu encerra.

Um dia, ao pôr do sol, ella embalava
O berço do innocente.
E, com os olhos n'elle, se entregava
A sonhos de ventura e olvidava
No porvir o presente.

Por um momento a olhou elle e sorria;
Mas que sorriso aquelle!
A mãe, que os gestos todos lhe entendia,
Estranhou-lhe o sorrir; que de alegria
Ai, não, não era elle.

O seio a palpitar-lhe, e mansamente
Nos labios o beijava.
Mas no amoroso osculo, sómente
Recebeu o espirito innocente,
Que a terra abandonava.

Tendes já visto o mar tranquillo e unido
Nas praias deslisando,
E depois levantar-se embravecido
Qual o leão, do caçador ferido,
As crinas erriçando?

Tendes já visto o vento pela serra
Gemendo brandamente,
Para depois, em tumultuosa guerra,
Descer aos valles, devastar a terra
Assolador, fremente?

Assim a pobre mãe se ergueu, os ares
Enchendo com seus gritos!
Como a fera a rugir entre os palmares,
Corre a pobre sem tino, os seus olhares
Volvendo ao céo afflictos.

Ao vel-a, dil-a-hieis impellida
Por sobrehumana força.
Nem mais veloz, no bosque foragida,
Através das devezas perseguida,
Corre a timida corça.

De repente parou, como escutando
Uma vaga harmonia.
E um estranho fulgor de quando em quando
Vinha animar-lhe as faces, revelando
Insolita alegria.

Volta ao berço do filho inanimado,
Pára, olha-o, medita,
Depois, cingindo-o ao seio angustiado,
Corre á praia do mar, que o vento irado
Então revolve e agita.

«Filho, filho, não partas só da vida;
Espera, eu vou comtigo.»
Disse, e nas penhas humidas erguida,
Com o innocente, na vaga enfurecida
Busca o final jazigo.

. . . .

Vistes a joven mãe na campa fria
Unido o filho ao peito?
Que lhe importava o mundo, onde o não via?
Como outr'ora, embalando-o, adormecia,
Mas no funéreo leito.

A VIDA

A alvorada foi risonha;
Ergueste-te com o dia.
Eu fiz, n'aquella alvorada,
Uma alegre prophecia.

Inda radiava fulgente
Venus, a saudosa estrella,
Já tu ornavás as tranças
E cantavas á janella.

E dos laranjaes vizinhos
Os rouxinoes acordados
Respondiam-te com trinos
Da tua voz namorados.

Dos virentes jasmineiros,
Que a primavera enflorava,
Vinha cheio de perfumes
O vento que te beijava.

Quem dissera então ao ver-te
N'essa risonha alvorada,
Que á noite, estrella cadente,
Serias inanimada?

TRIGUEIRA

Trigueira! que tem? Mais feia
Com essa côr te imaginas?
Feia! tu, que assim fascinas
Com um só olhar dos teus!
Que ciumes tens da alvura
D'esses semblantes de neve!
Ai, pobre cabeça leve!
Que te não castigue Deus.

Trigueira! se tu soubesses
O que é ser assim trigueira!
D'essa ardilosa maneira
Por que tu o sabes ser;
Não virias lamentar-te,
Toda sentida e chorosa,
Tendo inveja á côr da rosa,
Sem motivos para a ter.

Trigueira! Porque és trigueira
É que eu assim te quiz tanto.
D'ahi provém todo o encanto
Em que me traz este amor.
E suspiras e murmuras!
Que mais desejavas inda?
Pois serias tu mais linda,
Se tivesses outra côr?

Trigueira! onde mais realça
O brilhar d'uns olhos pretos,
Sempre humidos, sempre inquietos,
Do que n'uma côr assim?
Onde o correr d'uma lagrima
Mais encantos apresenta?
E um sorriso, um só, nos tenta,
Como me tentou a mim?

Trigueira! E choras por isso!
Choras, quando outras te invejam
Essa côr, e em vão forcejam
Por, como tu, fascinar?
Ó louca, nunca mais digas,
Nunca mais, que és desditosa,
Invejar a côr da rosa,
Em ti, é quasi peccar.

Trigueira! Vamos, esconde-me
Esse chôro de criança.
Ai, que falta de confiança!
Que graciosa timidez!
Enxuga os bonitos olhos,
Então, não chores, trigueira,
E nunca d'essa maneira
Te lamentes outra vez.

A INTERCESSÃO DA VIRGEM

(DE H. HEINE)

I

Jazia o filho no leito,
A mãe olhava ao balcão.
—«Não te levantas, meu filho,
Para ver a procissão?»

—«Ai, mãe! se estou tão doente,
Que não posso ouvir nem ver!
Penso n'ella... a pobre morta...
Como não hei de eu soffrer!»

—«Ergue-te, filho, e á romagem
Iremos juntos a orar,
Que aos corações doloridos
Sabe a Virgem consolar.»

Já se ouvem os sacros hymnos,
Da cruz fluctua o pendão;
Em Colonia sobre o Rheno
Vae passando a procissão.

E a mãe e o filho acompanham
A turba que segue o andor,
Dizendo em côro com ella:
—«Gloria a ti, Mãe do Senhor!»

II

Como a Senhora está linda
Com seu mais rico vestir!
Correm-lhe em chusma os doentes,
Muito tem ella que ouvir!

Todos lhe trazem promessas
Com ferventes devoções;
Membros, pés e mãos de cera,
Jazem no altar aos montões;

Quem lhe der um pé de cera,
Logo do pé sarará;
Quem mãos de cera lhe offereça,
A mão curada verá.

Mancos, que á romagem foram,
Vêem-se na corda saltar;
Outros de mãos aleijadas,
Destros agora a tocar.

Da alva cera d'uma vela
Fez a mãe um coração.
—«Leva isto á Virgem Maria,
Que te cure essa paixão.»

Gemendo, o filho a recebe,
Gemendo, a vae offertar;
Dos olhos lhe brota o pranto,
Do coração este orar:

—«Ó Maria Gloriosa!
«Serva pura e Mãe de Deus:
«Virgem, dos céos Soberana,
«Escuta os lamentos meus!

«Em Colonia, onde as igrejas
«Se podem contar ás cem,
«Os meus dias descuidado
«Passava com minha mãe.

«E junto de nós vivia
«Margarida... a que morreu...
«Dou-te um coração de cera,
«Cura as feridas do meu!

«Cura minh'alma dorida,
«Que eu com devoto fervor
«Direi de dia e de noite:
«—Gloria a ti, Mãe do Senhor!»

III

Alta noite, adormecidos
Jaziam o filho e a mãe,
E a Virgem mui de mansinho
Entrando no quarto vem.

Pendida sobre o doente
No peito a mão lhe pousou,
E com gesto suavissimo
Sorrindo se retirou.

Como se através d'um sonho,
Tudo isto a mãe percebeu
E acordando alvoroçada,
Junto do filho correu.

Estendido sobre o leito,
Morto a triste o foi achar;
Andava-lhe a luz da aurora
Pelas faces a brincar.

Vendo-o assim, a mãe piedosa
Juntou as mãos com fervor
E em voz baixa disse, orando:
«—Gloria a ti, Mãe do Senhor!»

METEORO

Não a viram passar? Era no outomno;
Quando languece a flor, quando na selva
Se cala o rouxinol, e ao abandono
Jazem as folhas na crestada relva.

Não a viram passar? As altas neves
Revestiam das serras as cumiadas,
E em vez das brizas, perpassando leves,
Assopravam violentas as rajadas.

No meio da tristeza d'estas scenas,
Ella só, muda e pallida, sorria,
O seio a annuviar-se-lhe de penas,
O rosto a illuminar-se de alegria.

Não a viram? Passou. A natureza
É outra vez de galas revestida,
Mas minh'alma é coberta de tristeza
Como n'aquelle instante da partida.

A DESPEDIDA DA AMA

(A MEU PRIMO E AMIGO J. J. PINTO COELHO)

Adeus, filho do meu peito,
Que do meu peito nutri...
Parto. Vou deixar-te, filho,
Ai, que farei eu sem ti?!

Adeus! Já quando acordares
Chorando, não me verás;
Ás noites a acalentar-te
Outra voz escutarás.

Que amor te ganhei, meu filho!
Que triste amor este meu!
Se assim tinha de deixar-te,
P'ra que tanto te quiz eu?

Os teus primeiros gemidos
Tua mãe não quiz ouvir;
E a mim, que os calei com beijos,
Mandam-me agora partir!

Puz á volta do teu berço
Todo o amor que um seio tem,
E arrancam-te de meus braços,
Porque eu não sou tua mãe!

Os teus vagidos de infante
Fui eu quem os soceguei;
Carinhos que semeava,
Para outra os semeei!

Parto. Dentro em pouco, filho,
Nem tu me has de conhecer;
É assim que de pequenino
Te ensinam já a esquecer.

Adeus! N'esta despedida
A alma toda se me vae;
E, sem querer, o meu pranto
Sobre a tua fronte cáe.

Que d'esse somno innocente
Te não vá elle acordar;
Que as forças me faltariam
Então, para te deixar.

Vamos, pobre mulher, vamos,
Está finda a criação,
Déste a vida a este menino,
Não lhe dês o coração.

O coração? Quem t'o pede?
Pedem-te o leite, não mais.
Vamos, pobre mulher, vamos,
Que o acordas com teus ais!

Adeus, filho da minha alma,
Teus carinhos não são meus,
O chôro corta-me a falla,
Mal posso dizer-te... adeus.

NO ALTAR DA PATRIA

(AO MEU AMIGO JOÃO MARQUES NOGUEIRA LIMA)

I

Tinge do oriente as serras
O matutino alvor;
E do clarim das guerras
Se ouve o mortal clangor.

—«Ai, grata paz dos lares,
Adeus, força é partir.
Ó sombra dos pomares!
Ó rosas a florir!

«As hostes reunidas
Chamam-me a combater.
Ai, longas avenidas,
Tornar-vos-hei a ver?

«Adeus, loucos amores!
Adeus, beijos febris,
Adeus, mudos verdores,
Que em sombra os encobris.»

—«Ó mãe, dá-me uma espada,
Ouço da patria a voz!»
—«Eil-a. É immaculada,
Era a de teus avós!

—«Pura a trarei, voltando...
Se não morrer alli.»
—«Vae! disse a mãe, chorando,
Eu rezarei por ti.»

....

—«Filho, meu filho, espera!
Não me ouve já. Partiu!»
E o ardor que a sustivera
De todo se extinguiu.

II

No campo já se escuta
Das alas o marchar.
Que agigantada lucta
Além se vae travar!

Dá-se o signal! Furiosas
Partem as legiões;
Encontram-se raivosas,
Bramem como leões.

Ai, que tinir de espadas!
Que estrepito fatal!
Que vozes angustiadas
Se escutam no arraial!

O sangue rutilante
Inunda e tinge o chão;
Aos ais do agonisante
Responde a imprecação.

Em pé, os combatentes,
Perdidos os corseis,
Cingem-se quaes serpentes
Em perfidos anneis.

A lucta é braço a braço,
A golpes de punhaes;
Se cáem de cansaço,
Não se levantam mais.

A lucta é peito a peito,
Terrivel e cruel!
Ás cãs não ha respeito,
Á dor não ha quartel!

III

Findou! Tranquillo é tudo...
Já tudo emmudeceu.
O campo é triste e mudo;
É triste e escuro o céo!

Á custa de mil vidas
Salvou-se a patria emfim!
Mas por que são sentidas
As vozes do clarim?

As hostes victoriosas
Por que tão tristes veem?
Ai, que ancias dolorosas
Sentia a pobre mãe!

Passa a primeira fila...
Misera, que o não vês!...
Outra, outra mais. Vacilla...
Cresce-lhe a pallidez!

Olha-as uma por uma,
E a ultima passou;
E d'ellas em nenhuma
Inquieta o filho achou!

E o céo mais se escurece;
O campo é envolto em dó;
E a triste permanece
Absorta, muda e só!

IV

Que solidão de morte!
Que erma a planicie jaz!
Dorme no campo o forte,
Somno de gloria e paz.

Dorme a valente raça
De intrepidos heroes!
Cegos, ao sol que passa
Saudam novos soes.

Que sepulchral figura
Se adianta além subtil;
Tão cheio de amargura
O gesto e o olhar febril?

Á ensanguentada arena
Os passos seus conduz;
Raiou sobre esta scena
Da lua a tarda luz.

Subito em desvario
Solta um sentido ai,
Junto a um cadaver frio
Desfeita em pranto cáe.

«És tu! és tu? ai, filho!
Ai, como te encontrei!
Como estão já sem brilho
Os olhos que eu beijei!

«Vae, sombra idolatrada,
Á tua patria, aos céos!»
Cinge-lhe ao peito a espada;
Morre ao dizer-lhe: «Adeus!»

THEREZA

(A MINHA SOBRINHA ANNA C. GOMES COELHO)

Era uma criança loura
Quando a conheci pequena;
Mais branca do que a açucena
E prompta sempre a chorar.
Havia n'aquelles olhos
De um certo azul esvaído,
Não sei que occulto sentido,
Que me fazia scismar.

Quantas vezes, ao pé d'ella,
Correndo-lhe a mão nas tranças,
Eu lhe disse: «Tu não danças
Como vês dançar os mais?»
Ella olhava-me e sorria,
Sorria, mas suspirava,
E inda mais triste ficava,
Como nem imaginaes.

Meu Deus, que criança aquella!
Que tão precoce tristeza!
Dizem-lhe um dia: «Thereza,
Sabes? tua mãe morreu.»
Fez-se pallida de morte...
E, levando as mãos ao seio,
Ia a fallar, mas, no meio,
Reprimiu-se e emmudeceu.

E desde então nunca a viram
Mais com suas companheiras;
Ficava-se horas inteiras
Á sombra do laranjal.
Surprehendiam-a sósinha
Com os olhos fitos no espaço
E esfolhando no regaço
As rosas do seu rosal.

As brizas, gemendo tristes
Por entre a verde folhagem,
Segredavam-lhe a linguagem
Sonora da solidão.
Essas mil vozes do campo,
Todas ella comprehendia,
Que fadado p'ra a poesia
Fora aquelle coração.

Ai, que infancia tão de gêlo!
Que madrugada da vida!
Ai, pobre alma estremecida
Pelas saudades da mãe!
Quantas vezes, alta noite,
A triste julgava vel-a
Em cada fulgida estrella
Que o firmamento contém!

Um dia, ao caír da tarde,
E de uma tarde do outomno,
Acordou de um brando somno
E pôz-se a rir para mim.
«Já sorris? És salva, filha,
Emfim!» E a beijei contente.
Olhando-me ternamente
Ella repetiu: «Emfim!»

Emfim!... mas que triste accento
N'essa palavra vertera!
Foi como que se dissera
Á vida um ultimo adeus.
Era como um grito d'alma,
Rompendo a prisão que a encerra,
E partindo-se da terra
P'ra diffundir-se nos céos.

Illuminavam-lhe as faces
Os raios de estranho fogo.
Ao vel-a eu comprehendi logo
Tudo o que se ia passar.
«Thereza, que tens? Responde.»
Disse, cingindo-a ao meu peito;
E ao levantal-a do leito
Assustou-me aquelle olhar.

As faces são-lhe de neve
Na frialdade e na alvura.
O sorrir que a transfigura
Dá-lhe um todo divinal.
Por sobre as candidas roupas
Cáem-lhe as tranças douradas,
E nas palpebras cerradas
Se extingue o alento vital.

Nos labios já descórados
Que meiga expressão escripta!
O seio já não palpita...
Languida a fronte lhe cáe...
Uma lagrima saudosa
Pelas faces lhe resvala,
E a vida inteira se exhala
N'um sumido e extremo ai.

. . . .

Era uma criança loura
Quando a vi na sepultura,
Da açucena tinha a alvura,
Teve seu curto durar.
D'aquelles olhos serenos
De um certo azul esvaîdo,
Ai, fatal era o sentido
Que me fazia scismar.

N'UM ALBUM

Se exigirem perfumes ás flores
P'ra tecerem com ellas grinaldas,
Não procurem do monte nas fraldas
A modesta e inodora cecem.
Se igualmente desejas, amigo,
Para aqui mais que versos, poesia,
Antes deixes a folha vasia,
Pois meus versos poesia não tem.

SONHOS

(DE H. HEINE)

Sonhando, chorei. Sonhava
Que morta te estava a ver.
Acordei: ardentes lagrimas
Senti nas faces correr.

Sonhando, chorei. Sonhava
Que tu me querias deixar.
Acordei: amargamente
Fiquei depois a chorar.

Sonhando, chorei. Sonhava
Que esse amor ainda era meu.
Acordei: corre o meu pranto
Como ainda assim não correu.

A NOVIÇA

(NO ALBUM DA EXC.ma SNR.a D. JULIA ALVES PASSOS)

«Oh! vem, querida irmã, do santuario do templo
«Já desce a receber-te o celestial Esposo.
«Vem ser de nossa fé sublime e vivo exemplo;
«Vem, deixa sem pezar do mundo o falso goso.

«Vem; dos cirios á luz, ao som de alegres hymnos,
«Cinge o habito escuro, emblema da humildade,
«E, abrazada no ardor dos teus éstos divinos,
«Despe, ao entrar no claustro, as galas da vaidade.

«Esposa do Senhor, virgem candida e pura,
«Do teu noviciado expiram hoje os dias.
«Não tremas ao fitar as portas da clausura;
«Tambem na estreita cella ha brandas alegrias.»

Assim das monjas sôa o religioso canto:
Juntas, em procissão pelas extensas naves,
Espalham-se na igreja as vozes do hymno santo,
Melancolica voz de apaixonadas aves.

Caído o longo véo por sobre a fronte airosa
Caminha lentamente a pallida noviça;
Nos olhos lhe fulgura uma aura mysteriosa,
Um como scintillar de lampada mortiça.

Sobre os degráus do altar humilde se ajoelha
E ao culto fervorosa as tranças sacrifica.
«Recolhe-te ao redil, immaculada ovelha,
«Teus thesouros d'amor nas aras santifica.»

E o côro ergue outra vez o ritual hosanna,
Entre nuvens de incenso, á voz do orgão sagrado;
Responde-lhe o rezar da multidão profana,
Que transpôz curiosa o portico elevado.

A ceremonia é finda; a monja de joelhos
Permanece, inclinada a face para a terra;
Era no occaso o sol; e seus clarões vermelhos
Vinham tingir o altar, tingindo ao longe a serra.

Longo tempo alli esteve, as palpebras descidas,
Immovel, silenciosa, em extasis absorta.
Ergueram-a a final as monjas commovidas:
Doloroso mysterio... a pobre estava morta!

O CASTIGO DE DEUS

Termináro a peleja. Ensanguentado
Jaz o campo da atroz carnificina:
Um sinistro clarão avermelhado
Do exercito ao longe a marcha ensina.

O incendio, a ruina e a feroz matança
São as reliquias da já fingida guerra.
Ai dos vencidos! Gritos de vingança
Perseguem os fugidos pela serra.

Ai dos vencidos! A furiosa plebe
Erra nos campos com medonha grita;
Não dá quartel, piedade não concebe;
Um cruento furor a move e agita.

Corre em tropel, corre ebria de victoria,
Arrastando os cadaveres despidos,
Maculando os laureis da sua gloria
Na lama, envolta em sangue dos vencidos.

N'um valle retirado, umbroso, occulto,
Estorcia-se um velho agonisante.
Ouve em delirio um horrido tumulto,
Qual de demonios infernal descante.

Com o rosto alterado, o olhar extincto,
Pallida a fronte, sem vigor, já fria,
«Ai, que sêde cruel esta que sinto!
«Agua, dae-me agua!» diz. Ninguem o ouvia.

«Agua, dae-me agua!» brada com voz rouca,
Que se lhe prende na árida garganta.
Ao longe, a turba, n'uma orgia louca,
Hymnos blasphemos, implacavel, canta.

No delirio violento, que o allucina,
Julga-se ás vezes de um regato á borda;
Bemdiz, chorando, protecção divina,
Mas ai, que cêdo d'este sonho acorda.

Acorda, e vê-se á beira de um abysmo;
Queimam-lhe os labios qual ardente fragoa,
E a custo, em terrivel paroxismo
Suffocado repete: «Agua, dae-me agua!»

Como se Deus escutasse
O grito do agonisante,
Surge do velho diante
Uma angelica visão;

Com as lagrimas em fio
Pelas faces côr de neve,
Caminha com passo leve
Para o prostrado ancião.

Na brandura do semblante,
No olhar magoado e afflicto
Lê-se um poema inteiro escripto
De caridade e de amor.
Corre anciada e pressurosa
E toda cheia de graça
Em soccorro da desgraça
Com piedoso fervor.

Junto do velho ajoelhada
Ergue-o com meigo desvelo;
E as tranças do seu cabello
Ás cãs se vão misturar.
Aproxima-lhe dos labios
A agua que elle pedia;
E ao vel-o beber sorria...
Sorria... mas a chorar.

E uma lagrima fervente,
Gentil perola preciosa,
Caíu na fronte rugosa
Do velho, que estremeceu.

E só então, como em sonhos,
Foi que o triste moribundo
Fitou um olhar profundo
N'este enviado do céo.

Ella sorrindo-lhe meiga,
Ao vel-o assim admirado
Lhe disse: «Velho soldado,
«Bebei, coitado, bebei.
«Ha dez annos, n'estes sitios,
«Como vós, velho, ferido,
«O meu pae estremecido
«Após a guerra encontrei.

«Como o vi, meu Deus! Já frio,
«Já co'a vista embaciada,
«A fronte rôxa, gelada,
«Os labios em fogo, a arder.
«—Agua! — bradava convulso;
«—Agua! que de sêde morro!—
«Á fonte vizinha corro...
«Cheguei... para o ver morrer.

«Era então criança ainda;
«Mas esta scena da morte
«Impressionou-me de sorte
«Que nunca mais a esqueci.

«Sempre, sempre aquella imagem
«Muda, pallida, cruenta,
«Nos meus sonhos se apresenta;
«Vejo-a ainda como a vi.

«Curvei-me sobre o cadaver
«A aquecel-o com meus beijos;
«Ai, baldados meus desejos!
«Que esse frio era mortal.
«Jurei então, pela Virgem,
«No fervor da minha mágua,
«De correr sempre com agua
«Pelas tendas do arraial.

«Quantas vezes á blasphemia,
«Que o delirio ao peito arranca,
«Esta agua, que a sêde estanca,
«Bemdita por Deus, pôz fim!...
«Quantos nobres cavalleiros,
«Quantos moços, quantos velhos,
«Eu vi caír de joelhos,
«Soluçando ao pé de mim!

«A cada sêde que estanco,
«A cada dor que mitigo,
«Parece-me que consigo
«Matar a sêde a meu pae,

«Áquelle velho soldado,
«Que ha dez annos, n'esta selva,
«Sobre uma cama de relva
«Exhalou o extremo ai.»

O velho, ouvindo-a, estremece.
«N'estes sitios! Ha dez annos!
«Impenetraveis arcanos!
«Dedo invisivel de Deus!
«E és tu quem me soccorres?! .
«Luz fatal se me revela.
«Vingaste teu pae, donzella,
«Cumpriste as ordens do céo!»

E a fronte livida, exhausta
Por extremado cansaço,
Deixou pender no regaço
Da pobre orphã que a sustem.
Um supremo olhar de angustia
N'ella por momentos fita;
N'ella, que o encara afflicta
Como carinhosa mãe.

«Morre em paz, velho soldado,
«Por mim meu pae te perdoa,
«Se a hora extrema já te soa,
«Podes alegre partir.

«Que seja esta gotta d'agua
«A que te lave do crime;
«Possa esta dor, que te opprime,
«As tuas culpas remir!»

E ao longe a turba infrene tripudiava
Sobre o cruento campo da matança;
Dos homens a vingança alli reinava,
Reinava aqui de Deus só a vingança.

NO BAILE

Ia o baile a findar. Nas vastas salas,
Que o fulgor de mil cirios illumina,
Soam da orchestra as notas harmoniosas
A convidar á derradeira walsa.
O seio a arfar, as tranças em desordem,
Os hombros nús, o gesto requebrado,
Como estrellas cadentes, as walsistas
Em veloz turbilhão girando, passam.
Nos dourados espelhos se reflecte
Todo o encanto da scena. Novos mundos
Luminosos, florentes, d'alli surgem,
Longe e ao longe se estendem sem que possa
Encontrar-lhes limite a vista errante.
Tudo se move e agita, aqui e em torno.
Confunde-se a illusão com a realidade;
Cingem-se ao peito virgens palpitantes,
E vêem-se fugir, fugir, sorrindo,
No phantastico mundo dos espelhos;
Outras se lhe succedem. Que segredos!

Que segredos d'amor n'esses olhares
Languidos, desvairados, expressivos!
Que segredos trahidos na imprudencia
De um aperto de mão involuntario!
Que mudas confidencias eloquentes!
Que indiscretos suspiros! Um momento
Trahiu as longas, timidas reservas
De castas namoradas. No delirio
Em que a walsa lasciva as arrebata,
Já nem sabem fingir, dissimulando,
Em frias apparencias, os ardentes
Éstos do coração, rendido a amores.
Soltam-se-lhes as flores do cabello,
E esfolhadas no pó, são esquecidas.
Ai, descuidosas virgens, que não vêdes
No destino da flor vosso destino!
Esquecidas as tristes! Já sem viço,
Sem os encantos já do aroma e côres,
Quem se lembrará d'ellas? Quem, sensivel,
As erguerá do chão, murchas, calcadas,
Se vós as desprezaes assim? Mas ide,
Ide, voae, ligeiras borboletas!
Ide, voae nas azas da harmonia!
Embriagadas d'amor, correi... mais tarde,
Como essas flores que por vós... Mas longe,
Longe uma idéa negra, no momento
Em que o prazer vos foge. Á walsa! á walsa!
Mais rapida! mais rapida! Nas salas
Já desmerece o refulgir das luzes.

Mais rapida! Convulsos, enlevados
Giram os pares em redor. Que febre!
Que febre de volupia os allucina!
Mais rapida! A vertigem se apodera
Dos sentidos. Estreitam-se os abraços,
E os labios inflammados, quasi, quasi
Em extasis d'amor se tocam. Vêde-a!
A alvoroçada turba de formosas,
Louras, morenas, candidas, lascivas,
Quaes rosas soltas de variadas côres,
Em vortice fatal arrebatadas
De profunda voragem, assim passam!
Que magico poder as enlouquece?
Em que orbita de luz volvem sem tino?
Que vista as seguirá, que fascinada
Não vacille tambem? Inda mais rapida!
Mais e mais 'té que exhaustas de cansaço
Caiam, talvez sem vida, as imprudentes.

TERÇA FEIRA

I

Rompera a manhã sombria,
D'estas que fazem tristeza;
Em perfeita calmaria
Repousava a natureza.

Repousava. As ondas mansas
Vinham quebrar-se na areia.
Que mar tanto de esperanças!
Que enganadora sereia!

O arraes, correndo os palheiros,
«Ao mar!» grita, «ao mar, aos remos!
«Para as lanchas, companheiros;
«Grande safra hoje teremos.»

E a pobre gente da costa,
Essa raça destemida,
Que a morte sem mêdo arrosta,
N'um momento é toda erguida.

Eil-os na praia. Cantando
Se dão á tarefa santa,
Que n'esse arrojado bando
Quem mais trabalha, mais canta.

São todos? Todos não. Falta
Da companha o mais valente!
Esta nova sobresalta
O peito d'aquella gente.

«Partir sem elle! Por Christo,
«Que a primeira vez seria.
«Em qualquer lance imprevisto
«Quem tanto nos valeria?»

Tudo pára, tudo hesita,
Mãos nos remos, mão no leme;
Que o seio a muitos palpita,
Que a muitos a mão já treme.

II

Ora, no pobre palheiro
Do pescador que tardava,
Eis o que ao alvor primeiro
D'esta manhã se passava.

Elle acordára, e na esposa,
Que ao lado dorme tranquilla,
Repousa a vista amorosa,
E, ao despertal-a, vacilla.

Vacilla — se é tão suave
Aquelle dormir! tão brando!
Mas não sei que idéa grave
Lhe está na mente pesando.

Ternamente ao seio a aperta,
E lhe diz com gesto ameno:
—«Mulher, teu filho desperta,
«Acorda-me esse pequeno.»

A joven mãe estremece.
—«Que acorde meu filho, dizes!
«Deixa-o dormir. Deus lhe désse
«Sempre assim somnos felizes.»

—«Acorda teu filho, acorda,
«Tal dormir não é para elle;
«Tempo é que da lancha á borda
«Como os outros tambem vele.»

—«Ás lanchas! ao mar!... pois queres?...»
E a mãe empallidecia.
—«N'esta vida de mulheres
«Não é que um homem se cria.»

—«Mas tão novo!...»—«Inda mais novo
«Meu pae me levou comsigo.»
—«Mas...»—«Já se falla entre o povo
«Do rapaz.»—«Mas ouve, amigo...»

E a voz trémula e chorosa
Quasi em pranto se afogava.
Curvára-se ao mar a esposa,
Mas a mãe, essa hesitava.

Hesitava, que se lhe ia
A alma toda, dando aos mares
O filho, a sua alegria,
O lume dos seus olhares.

—«Ouve», murmura, chorando,
«Por Deus te vou pedir isto!»
E depois, em tom mais brando,
«Em nome de Jesus Christo!

«Deixa-m'o ficar, marido,
«Hoje só, ai! hoje ao menos!...
«Fraco auxilio o recebido
«Dos braços d'esses pequenos.

«Bem sabes que tudo os cansa...
«Sempre sois tão deshumanos!
«E depois... essa criança
«Inda nem fez os dez annos.»

—«Agoura-me bem o dia
«Para lhe abrir a carreira.»
—«Porém, ó Virgem Maria,
«E hoje então que é terça feira!!»

—«Mulher, deixa essas idéas,
«Iguaes são todos os dias;
«Em máus agouros não creias,
«Se é que no Senhor confias.

«Aprompta teu filho, aprompta,
«Que hoje ha de entrar na partilha,
«E olha que o sol já desponta;
«Anda, acorda-o, minha filha.»

III

—«Filho, filho, ergue-te, acorda...
«Para quê, só Deus o sabe...»
E em lagrimas lhe trasborda
A dor que n'alma não cabe.

—«Sonhavas talvez brinquedos,
«Pois que sorrias dormindo;
«Verás brincar nos rochedos
«Esse mar que está bramindo.

«Vae inda quente do berço,
«Inda quente dos meus beijos,
«Para um mundo bem diverso
«Do sonhado em meus desejos.

«Vae, tu que sempre dormiste
«Ao som de minhas cantigas,
«Dormitar á canção triste
«D'essas ondas inimigas.

«E sorris, anjo querido,
«Ao passo que eu choro tanto!
«Pois não sabes o sentido
«D'este doloroso pranto?

«Não sabes que se me parte
«O meu coração no peito
«Ao vir assim acordar-te
«Do teu socegado leito?

«Não sabes que minha vida,
«Pobre filho, vae comtigo,
«E que n'esta despedida
«Trocas p'ra sempre este abrigo,

«Este abrigo de meu seio,
«Por perigos e cansaços?!
«Não sei, não sei que receio
«Ao tirar-te dos meus braços.

«Choras, filho? Ai, não, não chores,
«Que me tiras todo o alento:
«Já me bastam minhas dores,
«Basta-me o meu pensamento.

«Deus é bom. Nem sempre os mares
«Se alevantam com tormentas.
«Não chores, que se chorares,
«O meu pezar acrescentas.

«Socega. Esta cruz benzida
«Leva comtigo, e descansa,
«Pois quem é tão bom na vida,
«Deve em Deus ter confiança.

«Vae, que eu á nossa Senhora,
«Áquella Virgem das Dores,
«Que é a tua protectora,
«Rezarei logo que fores.

«Limpa essas lagrimas, vamos,
«Que teu pae t'as não conheça.
«E a oração que te ensinamos,
«Ai, vê lá! nunca te esqueça.»

IV

E viu-os partir. E o pranto
Lhe inunda as faces. Desmaia.
Dos pescadores o canto
Se escuta ao longe na praia.

Oh! que tristeza tamanha!
Que presentimento amargo,
Quando as lanchas da companha
Se fazem, remando, ao largo!

Junto á imagem de Maria
Esta outra mãe dolorosa
De joelhos todo o dia
Lhe ergue preces, fervorosa.

«Ó Mãe de Deus, luz divina,
«Que alumias nossas almas!
«Ó estrella matutina,
«Que as tempestades acalmas!

«Baixa á terra esses olhares,
«Nossa unica esperança,
«E, voltando-os sobre os mares,
«Protege aquella criança.

«Compadece-te, Senhora,
«D'estas lagrimas sentidas;
«Estende a mão protectora
«Sobre aquellas pobres vidas.

«Vê que me andam sobre as aguas
«Todos quantos estremeço.
«Mãe, que entendes minhas máguas,
«Diz se essas vidas tem preço!

«Pela angustia que sentiste
«Junto da cruz, ó Maria,
«Vale-me n'esta hora triste,
«Vale-me n'esta agonia.»

No meio de ardente prece
Ergue-se inquieta, palpita,
Fitando o céo, que escurece,
Ouvindo o mar, que se agita.

V

Era ao tempo das Trindades:
As aves, que presagiam
O chegar das tempestades,
Amedrontadas gemiam.

A mãe segue na carreira
Uma vaga e outra vaga.
«Terça feira! terça feira!»
Lhe diz uma voz presaga.

Já treme. Os olhos velados,
Onde a angustia se revela,
Pelos mares agitados
Não descobrem uma vela.

E as nuvens correm velozes,
E o vento revolve a areia.
Já se ouvem confusas vozes
Na praia de gente cheia.

Velhos, mães, tristes esposas,
Crianças núas, em chôro,
Altas vozes, lastimosas,
Erguem n'um sinistro côro.

Que scena! e redobra o vento,
E condensa-se a neblina,
E o mar rebrame violento,
E a noite a scena domina.

E a luz de algumas fogueiras
Escassa, tenue, funesta,
Movem-se sombras ligeiras
Como em diabolica festa.

E ella, a mãe, em desatino,
Corre, pára, escuta, chora,
Maldiz o poder divino...
Depois seu perdão implora.

Os olhos na sombra fitos,
D'essa noite escura, escura,
Eleva-os ao céo afflictos,
E em vão um astro procura.

E o raio, que as trevas densas
De quando em quando devassa,
Mostra-lhe vagas immensas,
Negros abysmos e passa.

VI

Só á luz da madrugada
Se acalma a brava tormenta.
Que noite em ancias passada,
Tão pavorosa! tão lenta!

O céo reflecte nas aguas
A côr azul da bonança.
E vae serenando as máguas
A branda luz da esperança.

—«Barcas ao longe! Não vêdes!
«Oh que alegria tamanha!
«Deus abençoou as redes,
«São as lanchas da companha.»

Crianças, mulheres, velhos,
Ao ouvirem este grito,
Todos, todos de joelhos
Cantam piedoso bemdito.

Eil-as vem! Braços valentes
Afeitos áquella guerra,
Cortando os mares frementes
As impellem para a terra.

Na turba dos pescadores
A mãe com turbado aspecto,
Inda escuro de terrores,
Procura o filho dilecto.

Tudo exulta d'alegria;
Cada qual os seus conhece...
E ella só, muda, sombria,
Sobre a praia permanece.

Eil-os emfim! Que transportes,
Que lagrimas os esperam!
Vêem-se chorar os mais fortes
Dos que no mar não tremeram.

Por entre os grupos vagueia
A mãe trémula, calada,
De negros agouros cheia,
De vago pavor tomada.

Quasi em delirio vê tudo,
Como se através d'um sonho;
De repente um grito agudo
Sôa na praia medonho.

É que pallido, abatido,
Junto ao mar o esposo vira;
É que terrivel sentido
N'aquella dor descobrira.

—«Que negro presagio é este
«Que leio nos teus olhares?
«Do meu filho o que fizeste?»
—«Pergunta-o a esses mares.»

No grito que a triste solta
Vae-lhe a razão, mais que a vida;
Depois para o mar se volta,
Turba, pallida, perdida...

—«Não! não has de assim roubar-me
«O filho d'estas entranhas,
«Não podem intimidar-me
«As tuas iras tamanhas.

«Não vês que tenho no seio
«Este amor? Espera, espera,
«Ruge! não tenho receio;
«Ruge, amaldiçoada fera!

«Ruge!» e sem tino, movida
Da allucinação que a agita,
Rompendo em veloz corrida,
Nas ondas se precipita.

Em vão lhe acodem, que forte
O filho ás vagas disputa.
Era um combate de morte!
Era uma tremenda lucta.

....

E na manhã do outro dia
Viu-se na praia arrojada
A mãe, que, morta, sorria
Do filho ao corpo abraçada.

A INGLEZA

Foi da patria de Malvina,
Foi d'entre aquella neblina
 Que ella surgiu.
Pobre anjo! timida ave!
Entre nós, serena, grave,
 Nunca sorriu!

Em vão o sol d'este clima
Que no prado a flor anima
 Com seu raiar,
A cercava de esplendores:
Eram sempre as mesmas côres,
 O mesmo olhar!

A côr da alvura da neve
Que ás vezes um rubor leve
 Vinha tingir;
O olhar distrahido, vago,
O azul do céo como um lago
 A reflectir.

Sobre os vestidos singelos,
Desatados os cabellos,
Sem uma flor,
Louros, profusos, caíam,
E nas faces reflectiam
Dourada côr.

Vulto de tanta poesia
Nem de Ossian a phantasia
Imaginou,
Quando dos montes na escarpa
Ao som de inspirada harpa
Os evocou.

Na solidão da deveza
Vinha a delicada ingleza
Flores colher.
Erguida, de manhã cêdo
Passeava já no arvoredo
Sósinha, a ler.

Se ás vezes, raras, cantava,
Saudosa se lhe soltava
Então a voz,
N'uma canção das montanhas
Que impressões fundas, estranhas,
Deixava em nós!

Ao fim das tardes, no estio,
Ia bordejar no rio
Com seus irmãos.
Sobre as aguas debruçada,
Na onda em que era embalada
Banhava as mãos.

E n'esses tempos ao vel-a:
«Não vae nuvem de procella
«Pelo teu céo!
«Para ti sempre jocundo
«Te sorrirá este mundo?»
Dizia eu.

Engano! Sob a apparencia
De uma placida existencia
Lavra a paixão,
Como sob verdes prados,
Sob outeiros enflorados
Treme um vulcão.

Engano! As aguas serenas,
Que uma briza enruga apenas,
Cêdo as vereis
Erguerem-se em altas vagas,
E correrem pelas plagas
Como corceis.

Se em pranto a dor não se exhala,
Se o que padece se cala,
Redobra o mal;
E um dia a lava rebenta,
Prorompe infrene, violenta,
Cruel, fatal!

De uma vez, na primavera,
Mais cêdo ao parque viera
Com sua irmã;
Como as arvores frondosas
Sussurravam tormentosas
Essa manhã!

Ambas de branco vestidas,
Mãos dadas, frontes pendidas,
Pallida tez.
Ao som da espessa folhagem
Fallavam terna linguagem
De amor talvez.

De amor? Pois n'aquelle seio
Esse fogo atear-se veio
Tambem por fim?
De amor? E essa alma dormente
Como as outras, nutre, sente
O amor assim?

Se o sente! Os gêlos do Norte
Não ferem assim de morte
Os corações;
D'entre as neves islandezas
Rebentam lavas accesas,
Rompem vulcões.

«Laura!»—á irmã disse, chorando,
Com um ar magoado e brando,
Chamando-a a si;
«Parto e... escuta, irmã querida,
«Custa-me esta despedida,
«Laura, por ti.

«Mas partirei! É forçoso.
«Quando elle era poderoso,
«Foi que o amei.
«E agora, pobre, abatido,
«Hei de dar-lhe em paga o olvido?
«Oh! não.—Irei.

«Irei, Laura; se hesitasse,
«Se a este dever faltasse,
«Dir-me-hias:—Vae.—
«Bem vês, Laura, é minha escolha;
«Tu ficas, pobre irmã... olha
«Por nosso pae.

«Consola-o, se o vires triste;
«Hontem chorava, bem viste.
«Laura, por Deus!
«Sê-lhe tu fiel amiga,
«Suas saudades mitiga
«Com beijos teus.

«Afflijo-o muito. Conheço;
«Mas á lei de Deus obedeço,
«Que diz: — Irás,
«Segue o homem que escolheste;
«Pae e mãe e irmãos por este
«Tu deixarás.»

E, fallando assim, o pranto
Era n'ella tanto, tanto,
De fazer dó!
Laura, a irmã, não lhe responde,
No seio a fronte lhe esconde
E chora só.

Dias depois, ajoelhando
Junto do pae venerando
Estas irmãs,
Ouviam do triste velho,
Inspirado do Evangelho,
Doutrinas sãs.

Colhendo a benção que implora,
Dentro em pouco, mar em fóra
Serena foi.
Partiu, resignada e calma;
Santo ardor lhe inflamma a alma,
Alma de heroe.

E hoje, ai, hoje por onde erra
Essa filha de Inglaterra?
Quem sabe lá!
Quem na memoria a conserva?
Cresce alta no parque a herva
Ha tanto já!

AMEL E PENNOR

(IMITAÇÃO)

Longe, longe d'aqui, nas costas da Bretanha,
Poetico paiz, que um mar sinistro banha,
Vivia, ha muito tempo, um pobre pescador,
Que se chamava Amel, com a mulher Pennor;
Tinham elles um filho, uma criança loura,
Um anjo que o porvir dos paes enflora e doura.
Ao voltarem a casa, alegres todos tres,
Na praia os surprehende a noite d'uma vez.
Subia o mar veloz, medonho, ingente, forte!
N'esse tempo as marés eram vivas. A morte
Sobre as vagas boiava, indomita, cruel!
Olhando para a esposa, assim lhe diz Amel:
—«Pennor, vamos morrer! A vaga se aproxima!
«Viverás mais do que eu! Animo! Sobe acima
«Dos hombros meus, mulher. Pousa-te bem. Assim.
«E ao veres-me sumir... ai, lembra-te de mim!»
Pennor obedeceu. Firmando-se na areia,
Desapparece Amel na onda que o rodeia.

—«Amel, bradava a esposa; ai, pobre amigo meu!
«Qual de nós soffre mais?—tu, que morres, ou eu,
«Que te vejo morrer?»—E a vaga, que crescia,
O corpo da infeliz no vortice envolvia.
Olhando para o filho, assim lhe diz a mãe:
—«Filho, vamos morrer! Olha a maré que vem!
«Viverás mais do que eu! Vá! filho, vá! coragem!
«Sobe aos meus hombros, sobe; e ao tragar-me a voragem,
«Ai, lembra-te de mim e de teu pobre pae!»
E o mar a submergiu. Chora a criança, e vae
Pouco a pouco afundir-se. Á flor d'agua revolta,
Apenas já fluctua a trança loura e solta...
Uma fada passou sobre o affrontado mar,
Viu aquelle cabello assim a fluctuar,
Estende a mão piedosa, e, segurando a trança,
Com ella attrahe a si a pallida criança.
E sorrindo dizia:—«Ai, que pesada que és!»
Mas viu cêdo a razão: inda segura aos pés
Do filho estremecido, a pobre mãe começa
A erguer da onda tambem a humida cabeça.
Sorriu a boa fada ao ver assim os dois!
E repetiu ainda:—«Ai, que pesados sois!»
É que, após a mulher, seguia-se o marido
Estreitamente aos pés da terna esposa unido:
Ao vel-o, inda outra vez a meiga fada riu,
E leve para a praia o vôo dirigiu
Com este cacho vivo, esta humana cadeia,
Cujos elos o amor piedosamente enleia.

O CARVALHO DA FLORESTA

Havia na floresta um roble cheio de annos,
Vestido de hera anciã, decano entre os decanos
Dos bosques do arredor. Raizes colossaes
Prendiam-o á terra; ao ar descommunaes
Os braços elevava, e ao vel-o assim dir-se-hia
Que aos outros vegetaes as bençãos estendia.
Velho, e ainda a primavera o vinha requestar;
O outomno desfolhava-o em ultimo logar;
Oppunha ao sol do estio a fronde espessa e bella;
Respeitava-o no inverno o raio da procella.
Viu passar gerações após de gerações
Em risos e em pranto, em festas e orações;
Viu crianças pedir-lhe a sombra grata e amena,
Que, amantes ao depois, n'aquella mesma scena
Viu a fallar d'amor, e no seu tronco abrir
Duas iniciaes que liam a sorrir;
E mais tarde inda os vira, velhos, encanecidos,
Pedir-lhe em vão alento aos languidos sentidos,

A repousar alli. A coma erguida ao céo,
De longe se mostrava envolta inda no véo
De nevoas da distancia. Ao regressar á aldeia,
Anciava o lavrador por avistal-o, e a idéa
De tudo quanto amava o vinha commover:
Do lar, do velho pae, dos filhos, da mulher.
Que olhos de tanto amor, de penas e esperanças
Lhe enviavam tambem saudosas as crianças
Ao deixarem a casa, a patria, irmãos e mãe,
Indo tentar porvir por esse mundo além!
Em que tempo nascera esta arvore gigante?
Que época viu crescer o arbusto vacillante,
Curvando-se por terra a cada viração,
Esse que já nem teme ameaças do vulcão?
Quem o póde dizer? Nas trevas se envolvia
A infancia do colosso. E quando acabaria?
Que audaz raio do céo, que convulsão fatal
Por terra lançará o enorme vegetal?
Mas, ai, o que a tormenta e o tempo não consomem,
Muitas vozes destroe a ousada mão do homem;
Em vão a tempestade incolume o deixou:
O golpe do machado um dia o derrubou,
E ao braço do homem cáe, dos homens o amigo.
Ouvi a narração do caso, que eu prosigo.
É pela madrugada! hora que a amar induz;
Todo é verdura o campo, o céo é todo luz.
O roble colossal no tronco encarquilhado
Sente a seiva girar. Das aves o trinado
Se ouve na espessa copa, e ao festival clamor

Responde n'um sorriso a borboleta e a flor.
Como um velho entretido a ouvir cantar os netos,
Que lhe passam nas cãs os dedos desinquietos,
Assim elle tambem, vulto austero e senil,
Se compraz a escutar a musica d'abril,
Os trinos e o bater das azas na folhagem,
A turba jovial, da infancia alada imagem.
De subito cessou das aves o cantar;
Param, olham com mêdo o chão, o bosque e o ar.
No seio da floresta um som vago se escuta,
Como o rugir do mar quando nas praias lucta.
O roble estremeceu, ouvindo: «Que será?
«Que sinistro rumor é esse?»—Perto já
Se distingue melhor. É um travar de vozes
De alguns homens do campo, alegres e velozes.
O roble socegou, e ás aves disse assim:
—«Podeis ficar sem mêdo aqui ao pé de mim,
«São amigos que vem, pobres trabalhadores,
«Sobre quem eu estendo os ramos protectores,
«Quando durante a sesta, o sol ardente cáe.
«Aves, não receeis. Amigos são, cantae!
«Vêde, pararam já. Tenta-os a fresca selva,
«O machado, o alvião pousaram sobre a relva.
«Vão descansar de certo. Ergueram para aqui
«O olhar; a gratidão vem claro n'elle vi.
«Cantae, aves, cantae nos ramos da floresta,
«Emquanto eu lhes protejo a procurada sesta.»
Assim disse o carvalho ás aves, mas em vão,
Que nenhuma a cantar inda se atreve então,

Ou se alguma o tentou, emmudeceu no meio,
Que só para gemer lhe deu vigor o seio;
Parecem presagiar um vago e occulto mal,
Como quando no céo prevêem um temporal.
Mas já ordens se dão; preparam-se os obreiros;
Reparte-se a tarefa; exercem-se ligeiros;
Já tudo está disposto, e prompto a uma voz.
Eis se dá um signal... rapidamente após,
D'um dos homens do bando o industriado braço
Lança em volta do tronco um traiçoeiro laço.
E as aves de tremer!... «Doudas!» assim lhes diz
O velho, sacudindo a secular cerviz:
«Das crianças é este um usual brinquedo;
«Embaladas assim nos braços meus, sem mêdo,
«Em jogos infantis se aprazem. Não fujaes.
«Doudas que sois! Dizei, de que vos receaes?
«Vel-as-heis cêdo vir, e o peso é tão suave,
«Que me alegra! a criança é pouco mais que a ave.
«Não, aves, não fujaes, que são vossas irmãs,
«Ligeiras como vós, e como vós louçãs!!»
Fez-se ouvir de repente um som rapido e sêcco,
Que teve na floresta um temeroso ecco.
O tronco estremeceu. As folhas sem vigor
Caíram pelo chão, quaes lagrimas de dor.
As aves a gemer, das frondes sacudidas
Fugiam em tropel como illusões perdidas!
No tronco, em fundo golpe, o ferro penetrou;
A arvore, ao sentil-o, um pouco vacillou,
Mas depois disse ainda ás pobres andorinhas

Occultas, a tremer, nas arvores vizinhas:
—«Foi doloroso o golpe! util porém talvez.
«O destro rachador derruba muita vez
«Algum ramo já velho, inutil parasita,
«E á fecundante seiva o curso facilita.
«Agora foi mais fundo, e rijo o golpe foi,
«E perto da raiz. Por isso mais me doe!
«Errou talvez ao dal-o a mão inexperiente.
«O golpe foi cruel. Se foi! mas innocente.»
Eis que, ao primeiro golpe, um outro se seguiu,
E outro, mais outro, e outro; e o ecco os repetiu,
E as aves a carpir do velho amigo a sorte.
Não se illude elle já; ferido pela morte,
Fallece-lhe o vigor; das achas ao brandir
Vacilla, geme e ondeia! É proximo a caír.
Prosegue no entretanto a abominavel obra.
Da turba afadigada o vozear redobra,
No intimo do lenho, o ferro impio, cruel,
As fibras despedaça. Os homens em tropel
Arredam-se a distancia, a fim que os não esmague
O gigante ao caír, e moribundo pague
A morte que lhe dão sacrilega e atroz.
—«Á obra, á obra», então alto sôa uma voz,
E todos lançam mão da preparada corda.
A triste ave da noite á vozeria acorda,
Solta um lugubre pio. Um frémito subtil
Nas folhas passa ao roble. A briza foi d'abril
Que veio alli dizer-lhe a extrema despedida?
Beijal-o a ultima vez, saudosa e commovida?

Oscilla, geme ainda, estala-lhe a raiz,
Solta como estertor de morto. Ouvis?... Ouvis?
Inclina-se p'ra terra, em quéda suave, lenta,
Desce... desce... e, descendo, a rapidez augmenta,
Até que com fragor na relva ao longe cáe
O roble secular! Homens, folgae! folgae!
Retumba na floresta o som que fez na quéda,
O fragor do trovão nos ares arremeda,
E as aves, levantando o vôo alto e veloz,
Ás nuvens vão contar o caso iniquo e atroz;
E com sentido pranto, e em queixas magoadas,
Choram-o pelo bosque as commovidas fadas.
E a obra do Senhor ás mãos do homem caíu!
E a vida secular n'uma hora se extinguiu.
E os obreiros do mal sáem d'alli cantando.
Chega logo depois um turbulento bando
De crianças, que, a rir, o tronco sem vigor
Calcam, brincando. E após em práticas d'amor,
Vôa rapido o tempo a amantes e a esposos
Que alli fallando veem. Depois, velhos, saudosos
Do tempo que passou por elles em commum,
Sentam-se a conversar. Mas d'elles, ai, nenhum
Uma lagrima tem para desgraças d'estas.
Homens, que mal voz fez o velho das florestas?!

OS PAES DA NOIVA

Os sinos da aldeia repicam de festa;
P'ra ornar a capella de flores viçosas,
As mães das donzellas despojam de rosas
As sebes dos campos, as moitas do val;
O adro é juncado de funcho e espadanas;
Á porta do templo festões de verdura;
Dos ninhos occultos na verde espessura
Prorompe das aves a voz festival.

O parocho velho, de pé desde a aurora,
Lidava contente por entre os contentes;
As mãos esfregando, entoava entre dentes
Antiphonas sacras, louvores a Deus.
Trabalha na igreja, trabalha no adro,
Nem sente o gravame de oitenta janeiros;
Não ha n'essa turba de alegres festeiros
Mais válidos braços, mais fortes que os seus.

Mas qual o motivo de azafama tanta,
Que, desde a alvorada, se nota na aldeia?
Os velhos da terra não guardam na idéa
Memoria que falle d'um jubilo assim.
É Rosa, a mais linda cachopa do sitio,
Que um moço abastado da aldeia vizinha,
Perdido de amores, ao altar encaminha,
E assim os amores conduz a bom fim.

Rosa, unica filha de paes, que, já velhos,
Não têem n'este mundo mais outra alegria,
Que a adoram, que a velam de noite e de dia,
A pallida Rosa vae-se hoje casar.
Os paes, de joelhos defronte da Virgem,
Mil graças lhe rendem, sinceras, piedosas;
Mas, junto co'as graças, tambem vagarosas
As lagrimas de ambos se vão misturar.

No templo se junta luzido cortejo
Da gente mais grada d'aquelles logares,
Que em honra dos noivos aos sacros altares,
Vestida de festa, com jubilo vem.
O medico, o grave juiz de direito,
O bom mestre escola, o mestre barbeiro,
Até o fidalgo da encosta do outeiro,
Que ás bodas de Rosa não falta ninguem.

O padre, co'os olhos nublados de pranto,
Os noivos prostrados no altar abençoa;
E em voz, que no peito de todos eccoa,
Lhes mostra o caminho que devem seguir.
No adro, á saída, confeitos e flores,
Caíndo ás mãos cheias, alastram a estrada,
E Rosa, no braço do noivo apoiada,
As ultimas bençãos aos paes vae pedir.

Ai, pobres dos velhos! debalde procuram
Armar de sorrisos o triste semblante;
Aos olhos o pranto lhes sobe incessante;
E o pranto, coitados, não sabem reter.
E Rosa, ella mesma, nos braços dos velhos,
Cobrindo-os de beijos, ao seio os estreita;
Depois apartando-se, em prantos desfeita,
O adeus doloroso mal póde dizer.

Partiu. Era força. Deus manda que a esposa
Do esposo que escolhe partilhe o destino;
Proscripto que seja, sem lei, peregrino,
Por elle lhe ordena deixar mãe e pae.
Partiu. Desce a noite. Nos montes eccoa
Das Avè-Marias a nota plangente,
Por entre os pinheiros a lua nascente,
Tingindo o horizonte, já rubida sáe.

Mas, ai, a fogueira na casa dos velhos,
Ainda a essa hora no lar não crepita.
Baixára sobre elles a mão da desdita,
E mudos e immoveis nem sabem de si!
Ao lado um do outro sentados á porta,
Não tiram os olhos da esquina da estrada
Que Rosa seguira de pranto orvalhada,
E mudos e immoveis conservam-se alli.

O anjo piedoso, que, ao termo do dia,
Recolhe o perfume das almas saudosas,
Ao ver d'estes velhos as faces chorosas,
Parou, commovido, no vôo subtil.
Depois, ajoelhando no throno celeste,
Pediu para elles do Eterno a piedade,
E um brando reflexo d'aquella saudade
Toldava-lhe o rosto nevado e gentil.

Na igreja da aldeia, volvidos seis dias,
Ouviam-se os sinos dobrar a finados,
E os muros do templo, de crepes forrados,
Das altas tocheiras sorviam a luz.
E sobre o ataúde, cercado de incenso,
Ao som dos responsos que os padres diziam,
Ao lado um do outro, tranquillos dormiam
Os velhos esposos, á sombra da cruz.

A ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degráus da porta
De igreja rustica e antiga,
Velha, trémula mendiga,
Implorava compaixão.
Quasi um seculo contado
De atribulada existencia,
Eil-a, enferma e na indigencia,
Que á piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam
A distancia, na alameda;
Uma trajava de seda,
D'outra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre;
Ambas louras e formosas;
Nas faces a côr das rosas,
Nos olhos o azul do ar.

A rica ao deixar os jogos,
Vencida pelo cansaço,
Viu a mendiga, e ao regaço
Uma esmola lhe lançou;
Ella recebe-a, e a criança
Que a soccorre compassiva,
Em prece fervente e viva
Aos anjos encommendou.

D'um ligeiro sentimento
De vaidade possuida,
Á criança mal vestida
Disse a do rico trajar:
—«O prazer de dar esmolas
«A ti e aos teus não é dado;
«Pobre como és, coitado!
«Aos pobres o que has de dar?»

Então a criança pobre,
Sem mais sombra de desgosto,
Tendo o sorriso no rosto,
Da igreja se aproximou;
E após, serena, em silencio,
Ao chegar junto da velha,
Descobrindo-se, ajoelha
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga, alvoroçada,
Ao collo os braços lhe lança,
E beija a pobre criança,
Chorando de commoção.
É assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola.
Nem só da mão sáe a esmola,
Sáe tambem do coração.

A TECEDEIRA

Tecia uma teia nova,
Tecia-a no meu tear,
Quando vi o condezinho
Junto á janella parar.

Era elle moço bem feito,
Cabello louro, alva côr,
Olhos azues, voz affavel,
Mas... doudo em cousas d'amor.

Parou, depois encostou-se,
Sorrindo, ao meu peitoril;
—«Sempre a tecer, tecedeira!
«Até em manhãs d'abril!»

Isto disse elle, e eu calada
A tecer sem lhe fallar;
Elle em mim postos os olhos,
Que eu bem lhe sentia o olhar.

—«Então, então, tecedeira,
«Nem bons dias me darás?»
—«Pois... bons dias, senhor conde,
«E olhe se me deixa em paz.»

—«Vem commigo, tecedeira,
«Pára um pouco de tecer;
«Ha tantas flores no campo,
«Que appetece il-as colher.»

Á Virgem, minha madrinha,
Eu puz-me então a cantar:
—«Nossa Senhora, livrae-nos
«De quem nos anda a tentar.»

—«Tentas-me tu, feiticeira,
«Tentas-me com teu rigor;
«Tens o coração fechado,
«A chave... onde a irias pôr?»

—«Meu coração não se abre,
«Como vós outros julgaes,
«Com palavras traiçoeiras,
«Com promessas desleaes.»

—«Qual é pois, ó tecedeira,
«A chave que o ha de abrir?»
—«Tem segredo a fechadura,
«Que não ha de descobrir.»

—«Segredo tem que me occultas
«Com cruel ingratidão,
«E que irás revelar breve
«A qualquer pobre aldeão.»

—«A pobreza não avilta;
«Porém se não pensa assim,
«Repare bem que eu sou pobre,
«Não se chegue para mim.»

—«Tecedeira, tecedeira,
«Como hei de viver sem ti?»
—«Não tem que saber, menino,
«É viver como até aqui.»

—«Quanto mais és rigorosa,
«Tanto mais eu te hei de amar.»
E, dizendo estas palavras,
Ia a entrar no meu tear.

Eu levantei-me tão séria,
Que elle, sem querer, parou;
—«Mais devagar, condezinho,
«Tal confiança lhe não dou.

«Estava socegada e quêda
«Tecendo no meu tear...
«Fuja d'aqui, condezinho...
«E não me venha tentar.

«Para que lhe dê ouvidos
«Ponho eu uma condição.»
—«Qual é?—«Ou hei de ser condessa,
«Ou o senhor tecelão.»

—«Tecelão? Eu te prometto
«Que tecelão me farei;
«Porque vou tecer tal teia,
«Que n'ella te enredarei.»

—«Teça, teça, condezinho,
«Que outro tanto farei eu:
«A ver quem faz melhor teia,
«Se é o seu tear, se o meu.»

Partiu; mas, ai, com tal arte
Soube elle a teia tecer,
Que nas malhas do tecido
Eu me enredei sem querer.

Mas não me dei por vencida,
Que no meu tear teci
Os vestidos de condessa
Com que depois me vesti.

AO DEIXAR A ALDEIA

Partes! A longes terras
Vaes procurar riqueza;
E eu, morta de tristeza,
Fico sósinha aqui!
Leva-te d'estes montes
Uma ambiciosa idéa,
E eu n'esta pobre aldeia
Fico pensando em ti.

Tentar fortuna ao longe!
Ó pobre e amado louco!
Não sabes tu que pouco
Basta p'ra ser feliz?
Por que não has de achal-a
E o bem que assim procuras,
Aqui, entre as verduras
Do teu e meu paiz?

Mas vae, mas parte. É sorte!
Vae; segue o teu caminho,
Ave que deixa o ninho
Onde feliz viveu.
Vae, e dos mares volta-te
Ás vezes d'este lado,
E o meu olhar magoado
Encontrará o teu.

E lá, por outras terras,
Lá n'esse clima novo,
Lembre-te o humilde povo
Em que viveste em paz;
Lembre-te ainda o affecto,
Ai, deixa-me que o diga,
Da pobre rapariga
Que nunca mais verás.

Dizem que n'essas terras
Ha bosques e florestas
Mais verdes do que estas
Que temos por aqui;
Que ha aves mais formosas,
Que ha arvores maiores,
E tantas, tantas flores,
Como eu ainda não vi.

Se for assim, quem póde
Ter inda uma esperança
Que guardes a lembrança,
Sob esses novos céos,
Dos soutos, das devezas,
Dos passaros, das fontes,
Dos pinheiraes, dos montes,
A que disseste adeus?

Porém lembra-te ao menos
Que aqui onde nasceste,
Á sombra do cypreste,
Dormem teus velhos paes;
Por longe que tu andes,
Manda-lhes uma prece:
Esquece embora, esquece,
P'ra sempre tudo o mais.

Toma esta cruz benzida
Para a trazeres comtigo:
Crê que em qualquer perigo
Ella te valerá!
Depois... talvez que ao vel-a
Te lembres algum dia
D'aquella que a trazia,
Da triste que t'a dá.

E se, passados annos,
Saudoso emfim voltares
De novo a estes logares
Que deixas ámanhã,
Entra no cemiterio,
E da herva entre a verdura
Verás a campa obscura
Da tua... pobre irmã.

É força partir! Vamos.
Vae alta a lua. É tarde.
Ha muito já que arde
O fogo no meu lar.
Ai, quantas vezes, quantas
Alli vinhas sentar-te!
E agora... e agora... Parte,
E deixa-me chorar.

Perdoa-me este pranto;
É o ultimo que chóro.
Vae... vae... não te demoro
Mais com lamentos meus.
Bem vês, já estou contente.
Vae... sê feliz e rico,
E eu... alegre fico
Com minha mãe... Adeus!

A FOLHA SOLTA DO OLMEIRO

Virgens, que cedendo aos éstos
Da paixão que vos abraza,
Deixaes a rogos funestos
Os santos lares da casa;

Vós, que ao maternal carinho
Fugis, sem dor nem saudade,
Desfolhando no caminho
As rosas da castidade;

Gravae, gravae na memoria
Este conto verdadeiro;
É a dolorosa historia
Da folha solta do olmeiro.

Presa na haste vigorosa
Vivia a folha virente,
Mirando-se buliçosa
Sobre os crystaes da corrente.

Passavam ventos, passavam,
Convidando-a a seguil-os;
Segredos que assim trocavam
Não me é dado referil-os.

E ella, vendo a borboleta
Livre no espaço, tremia
De paixão, de dor secreta,
De inveja que a consumia.

Inveja de liberdade,
Inveja de espaço e vida,
Um sonhar de mocidade,
Um aspirar de illudida!

«Oh! gosa, insecto ligeiro,
«Gosa de espaço infinito,
«Que eu n'este meu captiveiro
«Em vão me contorço e agito.»

E ao ver a folha da rosa
Levada pela corrente,
Até d'ella, desditosa,
Até d'essa inveja sente!

Um dia sopra uma aragem
Mais ardente e perfumada;
Corre do olmeiro a folhagem,
E foge com a namorada.

Eil-a solta; n'um momento,
Veloz no ar se elevava;
É livre emfim como o vento,
Deixou já de ser escrava.

E agora embriagada, entregue
Toda aos afagos da briza,
Já do insecto os vôos segue,
Sua ambição realisa.

Que novo viver! que scenas!
Que existencia tão completa!
Mas, ai, momentos apenas
Dura a illusão da indiscreta.

Um ignoto desalento,
Um como faltar de vida
A toma; e ao sôpro do vento
Baqueia desfallecida.

Pallida, murcha, já gasta
A seiva com que partira,
Segue inda o vento que a arrasta
Pelo pó onde caíra.

O que a impellira ao perigo,
Agora a avilta e deprime!
Ai, quanta vez o castigo
Vem de quem nos tenta ao crime!

Prosegue a fatal carreira,
Cumpre teu destino inteiro,
Morre entre a grama rasteira,
Aerea filha do olmeiro.

Ai, folha de triste sorte!
Que é do encantado futuro
Que sonhaste? Escura morte
Tens em sordido monturo.

Virgens, gravae na memoria
Este conto verdadeiro,
Que póde ser vossa a historia
Da folha solta do olmeiro.

NO THEATRO

Está patente a sala do espectaculo;
Mil lumes a illuminam, reflectindo-se
Nos dourados ornatos, que realçam
Na alvura das paredes. Lado a lado,
Como festões de variegadas flores,
As mais formosas, celebradas damas,
Guarnecidas de rendas e de sedas,
Adornam as extensas galerias.
Enxames de ligeiras borboletas,
Pairando sobre floridos canteiros,
Dir-se-hiam os leques agitados
Por mãos tão delicadas e pequenas
Com rapidez nervosa. As pedrarias
Quebram a luz em deslumbrante iris.
É esplendida a vista do theatro;
Em baixo, turba inquieta e mais obscura
Já enche a trasbordar a sala. Reina
Em todo este recinto um rumor surdo,
Mixto de vozes e de risos. Subito

Parece estremecer a sala inteira:
É o signal. Enrola-se a cortina,
Patenteia-se o palco ás vistas ávidas,
Principia o espectaculo! O silencio,
Ou se não o silencio, o murmurio,
Que fórma o respirar de tantos seios,
O palpitar de corações anciados,
Succede á agitação que alli reinava.
É commovente o drama: as mais fogosas
Paixões que o humano coração disputam,
Alli são facilmente traduzidas
Pelo inspirado genio do poeta,
E animadas da vida, com que a arte
De celebres actores a revestem.
A piedade e o terror em varias scenas
Succèdem-se, e ora lagrimas provocam,
Ora um estremecer d'alma indignada.
Domina a commoção todos os seios,
E em cada rosto clara se revela.
Reparae, vêde além aquella dama,
Loura, formosa, languida, envolvida
N'uma nuvem de rendas vaporosas,
Como recosta a fronte alva de neve
Na mão pequena e debil. Vêde-a, aos olhos,
Olhos que para amor foram talhados,
Leva o mimoso lenço, que retira
Humedecido de piedosas lagrimas.
Pobre menina! Coração sensivel!
Como lhe anceia o peito comprimido!

Que thesouro d'affectos e ternura
N'aquella alma purissima! Pobre anjo,
Se taes prantos concedes a infortunios,
Ficções sublimes d'arte, na presença
De infortunios reaes teus bellos olhos
Cegarão a chorar. Pobre menina!
Mais além, attentae n'aquelle velho,
Homem sisudo e grave, e na apparencia
Pouco sujeito a commoção. Pois vêde-o;
Olhos fitos na scena, nem percebe
As duas grossas lagrimas, que as faces
Lhe vão sulcando vagarosamente.
Bella alma a d'esse velho! Não pôde inda
Arrefecel-a o gêlo da velhice;
O frio da miseria alli tem certo
Calor a mitigal-o, allivio prompto.
E esse pallido joven? Esse, ao vel-o
Tão escravo da moda, tão voluvel,
Suspeitarieis que inda o sentimento
Podesse commover-lhe a alma leviana?
Pois para elle reparae. A custo
Consegue disfarçar, desviando os olhos
Da scena, a commoção que forte o opprime.
Calumniam-te, pobre humanidade,
Os que te dizem dura como as feras;
Ainda a piedade vive em ti, nem póde
Exhaurir-se essa fonte preciosa.
Olhae, correi a sala, e se encontrardes
Olhos enxutos, corações serenos,

Tereis vencido então; dizei que minto.

....

O drama terminou. A immensa turba,
Que enchia ha pouco a refulgente sala,
Rompe, agora, das portas, que mal bastam
Para lhe dar saída. Os corredores,
As escadas, o atrio, tudo inunda
Essa torrente humana n'um momento.
Tendes visto, soltando á larga preza
Os diques que a agua immovel conservavam,
Como subito rompe fragoroso
O jorro liquido, e ainda turvo e rapido
Se precipita impetuoso, e cêdo
Se espraia pelos campos cultivados?
Assim a multidão que se atropella,
Ao findar o espectaculo nocturno,
Corre unida, ao principio, após derrama-se
Em varias direcções. Poucos instantes
Decorrerão, será silencio tudo.
Fóra das portas do theatro, a noite
Estende o denso manto humedecido
Das chuvas de dezembro; os ventos sopram
Com rigorosa violencia. Pobre
Do que não tem abrigo em noites d'estas.
Mas não ouvis um como triste chôro
Á porta do theatro? Além na sombra
Parece que se move um vulto escuro:
O doloroso chôro d'alli parte;
Vejamos de mais perto. Oh triste scena!

Uma mãe e tres filhos; um no collo,
Dous cingidos a ella em pé, chorando
De fome e frio; a esqualida miseria
Passou seus magros dedos n'essas faces
Que a pallidez da morte tinge, e os traços
Cravaram-se bem fundos. Com voz fraca
Pede a mãe para os filhos: «Por piedade!
«Lembrae-vos d'estas pobres criancinhas,
«Que me morrem de fome. Pouco basta
«Para lhes dar allivio. Deus proteja
«Vossos filhos e os livre da desgraça
«Em que os meus vivem. Dae-lhes uma esmola.»
Ninguem escuta a voz da desgraçada;
Ninguem lhe estende a mão auxiliadora!
Onde escondeste, ó turba indifferente
Aos gritos da desgraça, aquelle pranto
Que ha pouco nos teus olhos borbulhava?
Corações commovidos, que máus ventos
Vos gelaram assim, que nem as preces
D'uma pobre mulher, mãe desditosa,
Vos consegue abrandar? Porém, espera;
Para aqui se encaminha a loura dama,
Cujo bom coração adivinhamos
Só de vel-a chorar. Já se aproxima
A recebel-a o sumptuoso coche.
Faz chegar tua voz a seus ouvidos,
E attendida serás, desventurada;
Estende a mão, que ampara a custo o filho,
Á mão calçada de elegante luva:

Não a retirarás vazia.—A misera
Assim fez; implorou em voz sentida
A caridade da formosa dama;
Mas, ai! uma resposta fria, fria
Como não se imagina que saísse
De labios onde amor fogos ateia,
Lhe repelliu a súpplica. No coche
Senta-se em molle assento a loura dama;
O coche parte rapido, e a misera
Fica a seguil-o com a vista ao longe.
Que mentirosas lagrimas choravas,
Joven sem coração? De que artificios
Te serves p'ra simular piedade,
Seio fechado á compaixão e ao pranto?
Passa o grave ancião, que enternecido
Vimos seguindo o drama.—«Por piedade,»
Lhe brada a pobre mãe—«matae-me a fome
«A estas criancinhas. Ai, tão pouco,
«Tão pouco bastará!»—«Mulher, retire-se;
«Não é aqui logar p'ra peditorios,
«Não póde ser agora!» e, proseguindo
O caminho de casa, ia dizendo
O judicioso velho:—«Esta policia
«O que é que faz, se á porta dos theatros
«Assim nos vem importunar mendigos?»
Velho, por que choraste ha pouco ainda
Perante simulados infortunios?
Mentiste ao coração, velho, mentiste;
O gêlo do egoismo o cobre ha muito.

Em ti não ha piedade; agora o vejo.
Salva, pallido moço, salva ao menos
Tu, que tambem choravas, essa triste,
Desconfortada mãe, que na miseria
Os outros abandonam; tua idade
É a idade de instinctos generosos,
De enthusiasmos santos. Salva-a, salva-a!
E desaffronta assim a humanidade.
Mas nem tu! Ella em vão a mão te estende,
Passas cantando, e distrahido afastas
O teu caminho do importuno vulto.
O que é pois a piedade em vossos peitos,
Homens? vós, que choraes ficticias penas,
E contemplaes sem lagrimas o quadro
De verdadeiras, horridas miserias?

Almas sensiveis sob o imperio da arte,
Por que ficaes assim mudas e frias,
Quando passa por vós a realidade,
Tragica, triste como o triste drama
Que vos fez commover? Harpas éolias
Penduradas dos ramos dos carvalhos
Soluçam quando as auras vespertinas
Lhes roçam pelas cordas melodiosas.
Sede vós como ellas; ao passarem
Nos ares estas vozes da miseria,
Vibrae com ellas, soluçae, mostrando
Que ainda ha um coração no vosso peito.

DEVANEIO PENINSULAR

Ai, quem me dera em Sevilha,
Onde a travêssa hespanhola
Sob a elegante mantilha
As negras tranças enrola.

Na arcada da sé famosa
Vel-a entrar, tal como a sonho;
Entre *coquette* e piedosa,
Rosto entre grave e risonho;

Mergulhar na agua benzida
A mão pequena e elegante,
E entre a turba alli reunida
Distinguir o olhar do amante;

Aos pés do altar, de joelhos,
Os olhares alternando
Com a letra dos Evangelhos
E uns olhos que a estão fitando;

Aos pobres juntos á porta
Dar a caridosa esmola,
O obulo que conforta,
A palavra que consola;

Passar por os curiosos,
Que se demoram p'ra vel-a,
Baixando os olhos formosos
Sem se tornar menos bella;

E eleval-os de repente,
Em sitio certo e ajustado,
A encontrar o olhar ardente
D'um ardente namorado;

Seguir as ruas ligeira
Como a andorinha das praias,
Soltando aos ventos, inteira,
A vasta roda das saias;

Agitar na mão nervosa
A rapida ventarola
Com aquella arte mysteriosa
Que só sabe uma hespanhola;

Entrar na casa, em que mora,
Abrir o quarto elegante,
Orar a nossa Senhora,
Sorrir á imagem do amante;

Pousar a leve mantilha,
Descobrindo as negras tranças,
Onde o sol reflecte e brilha
Como sobre as ondas mansas;

Sentada ao piano aberto
Dedilhar uma harmonia,
Emquanto que o olhar incerto
Vae da alcova á gelosia;

Afastar-se de repente,
E, como que por encanto,
Romper febril e impaciente
Em inexplicavel pranto;

E na alcova recatada...
Pára, pára, phantasia,
Como ias longe, coitada,
Sonhando da Andaluzia!

EM HORAS TRISTES

Ella vivia só n'aquella aldeia,
Sem ter um coração que a comprehendesse.
Passei um dia alli, fallei-lhe, amei-a...
Ai, se esses tempos esquecer podesse...

E julgou-se feliz! Pobre criança!
Era feliz n'aquelles curtos dias,
E eu deixei-lhe nascer sem esperança
E sem porvir aquellas alegrias!

Oh! como é sem piedade a juventude!
Como é cruel a idade dos amores!
Desfolhamos as flores da virtude,
Como se fossem verdadeiras flores.

Sopra-se ao coração, que a nós se entrega,
A lavareda de violenta chamma,
E ao capricho cruel da paixão cega
Sacrifica-se tudo quanto se ama.

E eu fil-a entrever em doce enleio
D'um mundo novo as mal sonhadas scenas;
E senti-a córar e arfar-lhe o seio,
E delirante respirar apenas!

Parti, jurando amal-a toda a vida.
Pude fazer aquelle juramento!
Ella ficou chorando-me, illudida,
E eu paguei-lhe a illusão com o esquecimento.

Perdido dos prazeres no tumulto,
Levado n'essa rapida voragem,
Não mais pensei n'aquelle doce vulto;
Nunca mais entrevi a sua imagem.

E ella?... Talvez no coração ferida
Por minha leviandade criminosa,
Vivesse vida de enlutada vida,
Sem ter na terra a sagração de esposa.

Ai, memorias crueis do meu passado,
Como pungentes me feris agora!
Poupae, poupae-me o coração magoado,
Livrae-me do remorso que o devora.

A ANDORINHA FERIDA

Já despe galas
A natureza,
Véo de tristeza
Tudo envolveu;
Desfolha o outomno
No prado as flores,
Densos vapores
Sobem ao céo;

Gemem os ventos
Nas densas matas;
Das cataractas
Dobra o fragor;
Calam-se os cantos
Na umbrosa selva;
Da humida relva
Cresce o verdor.

Nas nossas terras
O sol desmaia,
O alcyon na praia
Triste gemeu;
Aves viajoras,
Cruzae os mares,
De outros logares
Buscae o céo.

E as andorinhas
Vão-se juntando,
Bando após bando
Na beira-mar;
Deixam as neves
Já imminentes,
Auras clementes
Vão demandar.

Chama-as o instincto,
Que á turba alada
Indica a estrada
Da emigração.
Mas, ai, na selva
Jaz esquecida
Uma, ferida
Por cruel mão.

Debalde a victima
Da má ventura
Inda procura
O vôo erguer;
Debalde; exanime
Cáe na floresta,
Já não lhe resta
Senão morrer.

Ella ouve o canto
Das companheiras,
Vê-as ligeiras
Passar além;
Chama-as, não lhe ouvem
A voz sumida,
Que na fugida
Nada as detem.

«Ó companheiras
De horas felizes,
A outros paizes
Passaes sem mim?
Sob os rigores
Do triste outomno,
Ao abandono
Deixaes-me assim?!

«Tu, doce amiga,
Fiel esposa,
Nem tu, saudosa,
Vens ter aqui?!...
Mas vae, que o inverno
Tardar não deve,
Fugi da neve,
Irmãs, fugi!

«Ide a esse clima
Que vos espera;
Na primavera
Regressareis;
Voltando á sombra
D'esta verdura,
A desventura
Me chorareis.»

Calou-se. Eis subito
Trazem-lhe os ventos
Debeis lamentos
De triste voz.
Ouve-os, levanta-se,
A dor esquece.
Canta... emmudece
E morre após.

Eis que da mouta
D'alli vizinha
Uma andorinha,
Gemendo, sáe;
Ao ver do esposo
A triste sorte,
Tambem da morte
Ferida cáe.

E sobre os mares
O alado bando
Vae demandando
Outro paiz.
E cêdo a neve
Do frio inverno
Esconde o terno
Par infeliz.

O JUIZ ELEITO

Como eu gostava de vel-o!
Aquelle ancião venerado
Com seu nevado cabello,
E com seu rosto córado!

Oitenta annos já contava,
Mas inda firme e direito;
Todos, quando elle passava,
Saudavam-o com respeito.

Se elle era um pae para todos!
O anjo d'aquella gente!
Ouvia-os com tão bons modos,
Sem dar mostras de impaciente!

Quantas demandas desfeitas
Por seu prudente conselho!
E quantas allianças feitas
Pelas mãos d'aquelle velho!

As raparigas, chorosas,
Confiavam-lhe seus amores;
As desoladas esposas
Seus caseiros dissabores;

Os homens os seus ciumes;
As mães filiaes desgostos;
E elle ouvia esses queixumes,
E alegrava aquelles rostos.

Quando o mal era sem cura,
Inda então lhes dava alento;
Bastava a sua figura
P'ra dar paz ao pensamento.

Brincava com as crianças,
Sem nunca mostrar fastio;
Folgava de ver as danças
E os cantos ao desafio.

Mas se as funcções exercia
Do seu grave ministerio,
Outro homem parecia;
Tornava-se grave e serio.

Com orgulho se ufanava
De ser o juiz do povo,
E cada anno que chegava,
Era elle eleito de novo.

Um dia, uma pobre velha,
Quando terminava a missa,
Aos pés d'elle se ajoelha,
Bradando a chorar: «Justiça!»

Elle ergue-a com modo brando,
E á pobre mulher pergunta:
—«Diga, por que está chorando?»
E o povo á roda se junta.

—«Senhor, a filha que eu tinha,
«Doce alma da minha vida,
«Unica alegria minha,
«Minha filha, está perdida!»

—«Perdida?!»—«Juro a verdade!»
—«Como? Falle.»—«Ouvi, ouvi-me!
«Se ha um Deus no céo, não ha de
«Deixar impune este crime.

«Aquella pobre criança,
«A tanto custo criada,
«A minha unica esperança,
«Por um vil foi enganada!»

—«E como é que elle se chama,
«O que fez tal vilania?»
—«Ai, senhor,» a velha exclama,
«É seu filho!» E o povo ouvia.

E o juiz eleito tranquillo
Á velha, que o rosto esconde,
Como se temesse ouvil-o,
Estas palavras responde:

—«Socegue, mulher; se é certo
«O que, chorando, assegura,
«O remedio está bem perto
«Para essa desventura.

«Já que a ser juiz me atrevo,
«Hei de ser juiz de véras,
«E em casa exercitar devo
«As justiças mais severas.

«De outro modo enganaria
«Este povo que me elege:
«A mesma lei que a elle o guia,
«É a mesma que me rege.»

Logo rompe d'entre a gente
Que o juiz escutára em pasmo,
Um brado rijo e valente,
E sobe alto o enthusiasmo.

E alguns dias mais passados
A pobre filha da velha,
Junto aos altares sagrados,
Com seu noivo se ajoelha.

Ao acto o juiz assiste,
O povo o vê com respeito,
A noiva tinha o ar triste,
O juiz cingiu-a ao peito.

—«Alegre-se, minha filha,
«Erga a cabeça bem alta;
«Aqui sou eu quem se humilha,
«A menina quem se exalta.

«Sim, sou eu o que me humilho,
«Porque esta benção redime
«A si d'um erro, e a meu filho
«De mais que um erro, d'um crime.»

Oh! sim, era um gosto vel-o,
Aquelle ancião venerado!
Que typo de homem tão bello!
Que caracter tão honrado!

FIM D'UM SONHO

—«Querida, não sabes um sonho que eu tive?
«Mil vezes a morte, que sonhos assim!
«Sonhei que te via de um bosque no abrigo...»
—«Comtigo?»
—«Com outro, sentados além, no jardim.

«Na mão inda tinhas a rosa silvestre,
«Que eu hontem, bem triste, te dera ao partir;
«Pediu-t'a esse homem, tu toda vermelha...»
—«Neguei-lh'a?»
—Cedeste-a, olhando com meigo sorrir.

«E então elle aos labios a leva ancioso,
«Com beijos ardentes lhe murcha o frescor;
«Não sei que palavras lhe dizes, e, em meio...»
—«Deixei-o?»
—«Os braços lhe lanças do collo ao redor.

«Então, mais ousados seus labios ardentes
«A rosa deixando, te pousam na mão,
«Sentindo-lhe os beijos lascivos de fogo...»
—«Eu logo...»
«Tu logo lh'os pagas com a mesma paixão.

«Depois, que delirio! Calaram-se os labios,
«E os olhos deixaram por elles fallar;
«E eu via este quadro de amores risonho!»
—«Que sonho!»
«Terrivel, não achas? e quiz-me vingar.

«E a adaga que cinjo, convulso apertando,
«Corri; a vingança me impelle veloz.
«Achei-te; o ciume meu peito povôa.
—«Perdôa!...
«Perdôa!»—dizias com trémula voz.

«Em vão! teus clamores não ouve meu peito:
«No teu niveo seio meu ferro cravei.
«Vacillas, e o sangue rompendo n'um jorro...»
—«Eu morro!...
«Eu morro!»—disseste. Meu sonho acabei.

NO TRANSITO D'UMA NOIVA

Quem te foi vestir de noiva,
Aos quinze annos mal contados?
Quem cingiu de laranjeira
Os teus cabellos dourados?

Que mão conduziu ao templo
Esses passos vacillantes?
Quem te apagou os sorrisos,
Que tinhas nos labios d'antes?

Pobre, innocente criança,
Onde vaes assim vestida,
Com as lagrimas nos olhos,
Com a cabeça pendida?

Onde te leva essa gente,
Que junto de ti caminha?
Não sei, não sei que desgraça
Meu coração adivinha.

E tremes, pobre menina!?
Oh! inda é tempo, recua!
Não sacrifiques tão cêdo
A paz da existencia tua.

Tu vaes vestida de noiva,
E os olhos humedecidos;
Estanca, estanca esse pranto
Que te humedece os vestidos,

Eleva a fronte graciosa
Coroada de laranjeira,
Que não te caiam as flores
Pelo chão d'essa maneira.

Louca, se vaes assim triste
Como a victima aos altares,
Recua, que é tempo ainda,
Treme de não recuares.

Vaes mentir, dizendo que amas,
Vaes mentir dentro do templo,
E o futuro que te espera
Tem mais do que um triste exemplo.

Recusa essa mão traiçoeira
Que te promette venturas,
Vê que n'uma só palavra
Tua desgraça asseguras.

Quando voltares da igreja,
Morta verás toda a esperança.
É cêdo p'ra seres esposa,
Continúa a ser criança.

Repara, as tuas amigas
Convidam-te ainda ao brinquedo,
Espanta-as teu véo de noiva,
Ai, por que as deixas tão cêdo?!

Dorme inda no teu seio
Um coração de quinze annos;
Respeita-lhe o somno, louca,
Poupa-lhe acres desenganos.

Coração virgem de amores,
Como respondes por elle?
E ha uma mão sem piedade
Que a tal abysmo te impelle?!

Diante do altar sagrado
Não jures o que não sintas:
É Deus que te ouve, repara,
É Deus que te ouve. Não mintas.

Mas caminhas... não hesitas...
Do altar os degráus subiste.
Meu Deus, que gélida festa!
Senhor! que scena tão triste!

Hontem criança, hoje noiva!
Imprudente crueldade
Que se anticipou aos sonhos
Da ridente mocidade!

Se um dia acordar inquieto
O coração, desditosa?
Se o fogo da juventude
Se atear no seio da esposa?

E escutam-se hymnos de festa!
E arma-se o templo de galas!
E brilham de luz e flores
Da noiva as faustosas salas.

Soltaste a fatal palavra;
Dissipou-se o ultimo ensejo.
Parece-me um saímento
O teu principal cortejo.

Esse vestido de noiva
Aos quinze annos mal contados,
É um véo negro lançado
Sobre teus sonhos dourados.

C. * * *

Não meças o amor pelo tempo que dura;
Hontem amei-te mais n'essa hora tão ligeira,
Senti maior prazer, gosei maior ventura,
Do que se ao pé de ti passasse a vida inteira.

Deixa que esta paixão termine com o dia,
Ephemera cecem nascida á madrugada,
E que ao caír do sol, n'essa hora de poesia,
Deixou pender no chão a fronte desfolhada.

Fiquemos sempre assim, um ao outro ignorados
N'estas vagas regiões d'uma paixão nascente.
Sigamos cada um caminhos separados;
Com uma hora de amor a alma é já contente.

AS ANDORINHAS

Fugi, andorinhas; em mais longes plagas
Buscae outras praias, florestas e céo;
Que é triste o bramido que soltam as vagas
E um vento presago nos bosques gemeu.

Fugi, namoradas das flores e estrellas,
Olhae: estes campos sem flores estão,
E cêdo os espaços, á voz das procellas,
Sinistros, cerrados, sem luz ficarão.

Fugi, apressae-vos, alados viajantes,
Em bandos ligeiros os mares cruzae.
Por outros paizes, por selvas distantes
Mais flores e aromas, mais luz procurae.

Deixae estes montes de neve c'roados,
As selvas despidas, e as folhas sem côr,
As grossas torrentes e os troncos quebrados
E os valles cobertos de denso vapor.

E quando, mais tarde, na verde campina,
As rosas voltarem com viço a florir,
E as serras, despidas da intensa neblina,
Virentes, formosas, se virem surgir;

E quando deslisem na praia arenosa
Mais lentas, mais brandas, as vagas do mar,
E das laranjeiras de copa frondosa
Caírem as flores no chão do pomar;

E quando fugirem, informes, pesadas,
As nuvens sombrias que se erguem do sul,
Correndo dispersas e em flocos rasgadas,
Nos plainos immensos de um limpido azul:

Voltae; nova quadra de amores vos chama;
Dos climas distantes p'ra estes parti;
Então tudo é vida, já tudo se inflamma,
Ha luz, ha perfumes, faltaes vós aqui!

Voltae, que de novo serão florescentes
As selvas, os prados, o monte, os vergeis;
Quietas as brizas, as aguas dormentes
Nos lagos tranquillos de novo vereis.

Só eu, que vos sigo com vistas saudosas
Ao vosso desterro, dos mares além,
Já quando no prado brotarem as rosas,
Talvez não reviva co'as rosas tambem.

Ai, não, não revivo, que o vento do outomno
Gemendo ángustiado nas brenhas do val,
Convida-me ao leito do placido somno,
E as nenias entoa do meu funeral.

Eu morro! Na chamma do sol que declina
Bem sinto o presagio d'um proximo fim.
Se um dia voltardes á vossa collina,
Ó doces amigas! lembrae-vos de mim;

D'aquelle que, triste, vagando no olmedo,
O adeus da partida vos veio dizer.
Quem sabe das campas o occulto segredo?
Talvez vossos cantos eu possa entender.

Talvez que, ao ouvir-vos a queixa sentida
Quebrando das noites a triste mudez;
Á sombra dos cedros da escura avenida
Acorde, a escutar-vos ainda uma vez.

O PALHAÇO VELHO

«Palhaços! rapidos!
«Á arena! á arena!
«Quer-se uma scena
«Que faça rir.
«Exige-a o publico
«Em altas vozes;
«Ide, velozes,
«Ide-o servir!»

E os *clowns* lepidos,
Ageis, disformes,
Saltos enormes
No circo dão.
Soam freneticas
Palmas e bravos.
Pobres escravos
Da multidão!

Danças ridiculas,
Fingidas luctas,
Jogos, disputas,
Travam-se alli;
Ditos equivocos,
Palavras soltas,
Saltos e voltas...
E o povo ri.

Pertence ao numero
Um *clown* idoso,
Curvo, rugoso,
Cheio de cãs;
Os membros trôpegos
De muita idade
Move á vontade
Das turbas vãs.

É elle o ultimo
Dos companheiros,
Que, mais ligeiros,
Deixam-o atraz.
A turba indomita
Com grandes gritos
Ao som de apitos
Assuada faz.

E o velho comico
Treme assustado
Do desagrado
De seu senhor.
Escusa lagrima
Cáe-lhe escaldante...
«Palhaço, adiante!
«Cousa melhor!»

E aquelle misero
Truão do povo
Tenta de novo
Fazel-o rir.
Mas, pobre victima!
Dos lados todos
Chufas, apodos
Veem-o ferir.

E o velho, trémulo,
Não deixa a scena,
Fazia pena
Vel-o saltar.
Recresce a furia
Nas galerias...
Velho, não rias!
Nobre é chorar!

Chora, sim, chora-te
Envergonhado
Do teu estado
De aviltação.
No pó olympico
As cãs rojaste,
E não córaste?!
Chora, ancião.

Porém, silencio!
Que o velho falla;
Tudo se cala,
Tudo o escutou.
Em tom de súpplica,
Com as mãos erguidas,
Estas sentidas
Vozes soltou:

«Sede magnanimos,
«Meus bons senhores!
«Que as minhas dores
«São infernaes!
«Chorar no intimo,
«Rir no semblante,
«Rir incessante!
«Ai, que é de mais!

«Deponho a mascara,
«Que vos illude,
«Já que não pude
«Fazer-vos rir.
«Este cilicio,
«Que me angustía,
«Deixe este dia
«De me pungir.

«Tenho familia,
«Filhos que choram,
«Vozes que imploram
«Pedindo pão.
«Ouço a miseria
«Bater-me á porta...
«Velho, que importa?
«Vae ser truão.

«Sentes decrepito
«Tremer-te o braço?
«Faz-te palhaço.
«Que esperas? Vae!
«Loucos escrupulos,
«Velho, refreia,
«Perante a idéa
«De que és... um pae.

«Meu pranto, esconde-te.
«Calae-vos, dores:
«Estes senhores
«Querem folgar,
«Segue ao supplicio
«Os mais escravos.
«Oh! dae-me bravos,
«Que eu vou... dançar!»

Mas ai, fallece-lhe
O alento ao velho,
Dobra o joelho,
Na arena cáe.
Erguem-o pallido...
Aos mais palhaços
Decáe dos braços
O truão, o pae.

AQUELLA VELHA!

Aquella velha! coitada!
Se lhe soubessem a vida,
Não passaria na estrada
Assim desapercebida.

Vive só; mas vive agora,
Que n'um tempo já volvido
Houve na casa em que mora
Filhos, netos e marido

Morreu primeiro o marido
D'uma morte desastrosa;
Com o coração partido
Rezou por elle, piedosa.

Morreram-lhe os filhos todos
No tempo da epidemia;
Ella com os mesmos modos
Rezou de noite e de dia.

Ficára só com tres netos;
Morreram de tenra idade;
E ella viuva de affectos
Venceu, rezando, a saudade.

E ainda vive! O que alenta
Aquella alma atribulada?
É a fé que lhe alimenta
Uma crença inabalada.

Ai, quem me dera esse alento
N'estes combates da sorte!
Que paz para o pensamento!
Que paz na hora da morte!

REMORSOS

Do mais alto da collina,
Que o luar nascente prateia,
Um vulto immovel, calado,
Contempla as casas da aldeia.

É sobre as fraldas do monte
Que aquelle povo repousa;
Parece que o forasteiro
Descer ao valle não ousa.

De quando em quando um suspiro
Lhe rompe do oppresso seio;
Começa a descer o monte,
Mas suspendeu-se no meio.

E a aldeia em baixo no valle
Já áquella hora repousa,
E o vulto immovel, calado,
Descer á aldeia não ousa.

Um pastor subia a encosta,
Cantando desafogado,
A conduzir para os curros
O seu vagaroso gado.

—«Pastor, és d'estes logares?»
—«Lá em baixo, na aldeia habito.»
—«Poderás então dizer-me
«O que saber necessito.

«Quem vive n'aquella casa,
«Que fica sobre a levada?»
—«Ninguem; ha mais de dez annos
«Que essa casa está fechada.»

—«E a gente que a habitava?»
—«Partiu para melhor vida.»
—«Todos?»—«Todos. Ha dez annos
«Que essa gente está perdida.»

—«Era um velho?»—«Era, e enfermo,
«Já de trabalhar cansado;
«Um dia no alto da serra
«Foram-o encontrar gelado.»

Suspirou o forasteiro.
—«E a mulher?»—«Cega e doente,
«Ao descer a ribanceira
«Despenhou-se na torrente.»

—«E uma filha que elles tinham?»
—«Ai, a triste rapariga!
«A sina que a pobre teve
«Nem é cousa que se diga.»

—«Morta tambem?!»—«E perdida,
«Que foi ainda peor sorte,
«Fazia dó vel-a viva;
«Foi-lhe uma ventura a morte.»

—«Mas... havia ainda um filho...»
—«Deus lhe perdoe os peccados;
«Saíu da terra, deixando
«Pae e mãe desamparados.»

—«Não se soube d'elle?»—«Dizem
«Que vive rico e contente,
«Sem que lhe peze a lembrança
«D'essa desgraçada gente.»

—«O miseravel!» murmura
O forasteiro sombrio.
O pastor desceu a encosta
E passou p'ra além do rio.

E quando de madrugada
Conduzia ao monte o gado,
Encontrou na ribanceira
O corpo de um afogado.

Conheceu o forasteiro
Pelas vestes que trazia;
Foi enterrado na aldeia.
Quem era? Ninguem sabia.

NA MADEIRA

Vi-a chegar. Nas faces descóradas
Trazia escripto o seu fatal destino.
Nem o sol d'estas plagas perfumadas
Pôde córar-lhe o rosto peregrino.

Vi-a chegar. Um mar d'aguas serenas
Trouxera-a no regaço brandamente,
Manso, tão manso, embalando-a apenas
Como se embala um berço d'innocente.

Pobre criança pallida e formosa,
Já condemnada a inevitavel sorte!
As auras d'esta ilha milagrosa
Não te podiam defender da morte!

Ao principio, um clarão de vaga esperança
Raiou em seu olhar amortecido;
Mas ai, que breve rapida mudança
Deu a essa illusão um desmentido.

Nós todos, que corriamos a vel-a —
Fitando o mar com olhos lacrimosos,
Nós todos, exilados bem como ella,
Rodeamos-lhe o tumulo saudosos.

Queriamos-lhe tanto! áquella vida
Dir-se-hia que as nossas se ligavam:
Era como que a filha estremecida
De todos, porque todos a adoravam.

Vi-a partir. As palpebras cerradas,
Pallido e frio o rosto peregrino,
Sobre o nevado seio as mãos cruzadas,
E em tudo um raio do clarão divino.

NO RIO

(A UMA CRIANÇA)

Almas ha como as terras, onde as flores
Aspiram uma seiva envenenada;
Onde á sombra de perfidos verdores,
Cáe nas selvas a ave inanimada.

Tem ellas um excesso de amargura
De que se nutre cada pensamento.
Nas mais ridentes scenas de ventura
Fere-as um doloroso desalento.

Hontem inda o senti. Bella era a scena,
Deslumbrante a paisagem;
Nossa barca levava-nos serena
Á vela solta, em placida viagem.

Tu, criança innocente, debruçada
Nas crystallinas aguas,
Sorrias de prazer, e eu, a teu lado,
Sentia exacerbar as minhas máguas.

Tu só vias na limpida corrente
Os verdores da margem,
E o sol, a repetir-se resplendente,
Nos mil reflexos que o fulgor lhe espargem.

As aguas, a teus olhos, retratavam
Um segundo universo,
Outro céo, que outras aves povoam,
Outro mundo, outro sol, na onda immerso.

Eu tambem, como tu, me reclinára
Do baixel sobre a borda;
Mas a vista das aguas, que fitára,
Idéas mais amargas me recorda.

Talvez, pensei, que a lympha que assim via
Tranquilla e adormecida,
Occultasse no seio uma agonia,
A extrema convulsão de um suicida.

E em logar d'esse jubilo expansivo
Que o olhar te animava,
Era um pungir cruel e afflictivo
O que meu coração atormentava.

Ai, quantos como tu, pobre criança,
Sobre as vagas da vida
Vêem debruçados, reflectir-se a esperança,
E se illudem com a scena reflectida!

Quantos, sem o saber, sobre este abysmo
  Mal pensam descuidados,
Que a seus pés, em tremendo paroxismo,
Luctam, na ancia da morte, uns desgraçados?

Mas os que já não têem, pobre innocente,
Essa doce ignorancia appetecida,
Vêem através da placida corrente
Crueis mysterios d'este mar da vida.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE